

# REVISTA FLUMINENSE DE GEOGRAFIA

Volume 4, Número 1, janeiro-junho de 2024



# Revista Fluminense de Geografia

v. 4 n. 1, 2024



Seção Niterói - desde 1981

**Associação dos Geógrafos Brasileiros**

**Seção Local Niterói**

**Gestão 2023-2025**

**Diretoria**

**Presidente**

**Prof. Dr. Marcos Antonio Campos Couto**

Professor Titular do Departamento de Geografia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ).

**Vice-presidente**

**Prof. Me. André Tinoco de Vasconcelos**

Professor Assistente do Departamento de Geografia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ)

**1ª Secretária**

**Profa. Ma. Jessilyn Gomes da Silva**

Professor da Rede Municipal do Rio de Janeiro

**2ª Secretária**

**Profa. Ma. Clara Marcelle Dias de Leles**

Professora da Rede Estadual do Rio de Janeiro  
e da Rede Municipal de Itaboraí

**1º Tesoureiro**

**Prof. Dr. Felipe Moura Fernandes**

Professor Adjunto do Departamento de Geografia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ)

**2º Tesoureiro**

**Prof. Me. Jefferson Alan de Lima Vieira**

Professor da Rede Estadual do Rio de Janeiro

**Coordenador de Publicações**

**Prof. Dr. Eduardo Karol**

Professor Associado do Programa de Pós-graduação em Geografia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

**ISSN 1677-1796 (Impresso)**

**e-ISSN 1980-9018**

## REVISTA FLUMINENSE DE GEOGRAFIA Conselho Científico

André Tinoco de Vasconcelos – Niterói/RJ  
Astrogildo Luiz de França Filho – Niterói/RJ  
Charles da França Antunes – Niterói/RJ  
Clara Marcelle Dias de Leles – Niterói/RJ  
Eduardo José Pereira Maia – Niterói/RJ  
Eduardo Karol – Niterói/RJ  
Felipe Moura Fernandes – Niterói/RJ  
Jessilyn Gomes da Silva – Niterói/RJ  
Manoel Martins de Santana Filho – Niterói/RJ  
Marcos Antônio Campos Couto – Niterói/RJ  
Paulo Raposo Alentejano – Rio de Janeiro/RJ  
Rodrigo Coutinho Andrade – Niterói/RJ  
Ruy Moreira – Niterói/RJ

### **Pareceristas *Ad Hoc* Revista Fluminense de Geografia v. 4 n. 1, 2024:**

Alex Cristiano de Souza, Eduardo Karol, Felipe Moura Fernandes.

**Editores Responsáveis:** Eduardo Karol e Felipe Moura Fernandes  
**Capa:** Balalaika, montagem Eduardo Karol

Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Local Niterói - Av. General Milton Tavares de Souza, s/nº, 3º andar  
Campus da Praia Vermelha Boa Viagem - Niterói - RJ CEP. 24.210-340

### Ficha Catalográfica

<b>Revista Fluminense de Geografia, ano 1, n.1, Niterói- RJ, 2002 - v. ils. Histórico</b>	
1993 - Boletim Fluminense de Geografia - ano 1, v. 1, n.1 - impressa 2002 - ano 1, n. 1 v.1 - impressa 2005 - v.1, n. 1; v.1, n. 2 - digital 2006 - v. 2, n. 3; v.2, n. 4 - digital 2007 - v.3, n. 5 - digital 2024 - v.4, n.1 - digital  Periodicidade Semestral, publicada de janeiro a junho e de julho a dezembro. e-ISSN 1980-9018	

## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b>		7-8
<b>Bala-laika</b>		
<i>LUGAR SINGULAR</i>		
	João Paulo Dias de Araújo	9
<i>O QUE É ESPAÇO?</i>		
	João Paulo Dias de Araújo	10-12
<i>POESIAS DE UM DIA SÓ</i>		
	Aline Mello Campos	13-17
<b>Geografando</b>		
<i>LUCAS</i>		
	Maria Paula de Souza Turim	18-21
<i>UMA LUZ NEON NA ENCRUZILHADA</i>		
	Eduardo Karol	22-29
<b>Artigos e ensaios</b>		
<i>POSSIBILIDADES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA A PESQUISA GEOGRÁFICA: O CONCRETO PENSADO E AS CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO GRAMSCIANO</i>		
	Rodrigo Coutinho Andrade	30-49
<i>POLÍTICA, RACISMO E FOME EM QUARTO DE DESPEJO DE CAROLINA MARIA DE JESUS</i>		
	Mariana de Souza Santos	50-69
	Igor Marins Dinelly Pessoa	
	Igor Rodrigues Rego Sankuevitz Cruz	
	Patrícia M. C. Filgueiras	
	Felipe Moura Fernandes	

## **Relatos de Experiência**

- FANZINES COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE  
GEOGRAFIA NO X FALA PROFESSOR(A) RIO DE JANEIRO 2023  
Clézio dos Santos 70-85  
Jefferson Oliveira de Paula
- JORNAL NA ESCOLA: PROPOSTA PARA A FORMAÇÃO DE  
LEITORES CRÍTICOS EM ESCOLAS PÚBLICAS  
Aparecida Maria Peres Mainenti 86-105  
Karoline Guimarães Castro Ferreira

## APRESENTAÇÃO

Felipe Moura Fernandes  
Professor Adjunto do DGeo/UERJ/FFP

A obra de arte representa portanto a realidade,  
ao mesmo tempo que a denúncia.  
Herbert Marcuse

A AGB – Seção Local Niterói – tem a satisfação de apresentar o novo número da Revista Fluminense de Geografia. Essa retomada, preserva a preocupação com a produção e a divulgação científica no campo da Geografia e mantém o *azimute* de um conhecimento socialmente referenciado que possa servir de orientação teórica e prática para a universidade, escola básica, movimentos sociais, sindicatos e todos aqueles que sonham e lutam por uma sociedade melhor e, com isso, se rebelam contra a acomodação sistêmica que o capitalismo contemporâneo nos impõe. No estágio atual do neoliberalismo, entendemos que os trabalhadores são explorados *objetivamente* em sua força de trabalho, mas, além disso, tem a sua *subjetividade* capturada pela ideologia dominante. Uma vez que um grande número de pessoas adere aos ideais do *empreendedorismo* que transfere para o indivíduo toda a responsabilidade pela reprodução do seu próprio trabalho, mas ao mesmo tempo gera lucros exorbitantes para as empresas e desonera o Estado de ofertar as garantias sociais que minimizam as desigualdades sociais.

Nesse cenário, colocamos algumas outras possibilidades e desafios no horizonte da publicação. Se antes entendíamos que boa parte dos trabalhadores estavam conscientes de sua exploração e ao estar consciente havia a possibilidade de luta pela melhoria das suas condições de vida, o estágio atual nos mostra que a consciência dos trabalhadores precisa novamente ser convencida de sua exploração para encampar a possibilidade de luta pelos seus próprios direitos. Nesses termos, entendemos que a arte – literatura, poesia, dança, escultura, entre outras – tem um grande potencial de mobilização da nossa razão objetiva e subjetiva, em outras palavras, de mobilizar não só a nossa racionalidade política, mas também demonstrar a dimensão política dos afetos e a importância dos afetos em nossas escolhas políticas.

Tendo esses fatores contextuais em vista, esse número da Revista Fluminense de Geografia retoma a possibilidade do diálogo entre a *ciência* e a *arte* e ao fazer esse movimento apresenta a possibilidade de diferentes linguagens colocarem as questões pertinentes ao nosso campo científico – a Geografia.

Na parte *Bala-laika*, apresentamos as poesias: *Lugar Singular* e *O que é espaço?* de João Paulo Dias de Araújo e *Poesias de um dia só* de Aline Mello Campos. As poesias apresentadas são fruto da percepção de geógrafos formados e/ou em formação. Entendemos que interpretar a poesia para alguém é tirar essa possibilidade do leitor, longe disso, apenas indicamos que *Lugar Singular* é uma belíssima “ode” a um dos espaços de formação do autor e *O que é espaço?* mimetiza uma síntese de múltiplas referências acadêmicas que tratam dos conceitos da Geografia, de repente surge um

*repente conceitual e nordestino*. O texto *Poesia de um dia Só*, de Aline Mello, traduz as inquietações da professora que busca fazer o melhor, mas descobre que “mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende” (Guimarães Rosa).

Em **Geografando** trazemos textos em forma de prosa. São eles, o conto *Lucas de Maria Paula de Souza Turim* e *Uma luz neon na encruzilhada* de Eduardo Karol. O primeiro texto, do ponto de vista do conteúdo, nos faz refletir sobre as consequências de uma guerra, assunto tratado geopoliticamente pela ciência geográfica, mas como literatura, está muito longe de se resumir a isso. Já o segundo texto, traz uma narrativa cotidiana de um mundo que não existe mais e longe de se render ao insólito, denuncia a exploração em diferentes paisagens ou produções do espaço. O texto de Eduardo Karol também traz uma proposta didática que permite usar o conto em sala de aula ou pensar outras possibilidades de articulação entre a literatura e o ensino da Geografia.

Na seção **Artigos** estão os textos mais direcionados a produção acadêmica e contamos com a colaboração de Rodrigo Coutinho Andrade com o artigo *Possibilidades Teórico- Metodológicas para a Pesquisa Geográfica: o concreto pensado e as contribuições do pensamento de Gramsci* e artigo de Mariana de Souza Santos, Felipe Moura Fernandes, Igor Rodrigues Rego Sankuevitz Cruz, Igor Marins Dinelly Pessoa e Patrícia M. C. Filgueiras com o texto *Política, Racismo e Fome em Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus*. A reflexão de Rodrigo Coutinho nos permite pensar as mediações entre o real e as realidades através do “concreto pensado” presente no pensamento de Gramsci. Nesses termos, os conceitos e as categorias não se perdem em uma idealidade, mas o pensamento e o real, o ideal e o material dialogam para produzir novas formas de compreender a realidade de forma crítica. O segundo texto é um trabalho coletivo do Programa Prodocência coordenado por Felipe Moura e faz parte de um esforço inicial de demonstrar como os temas da política, da fome e do racismo podem ser tratados academicamente a partir da obra *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus.

Além do diálogo com a Arte, na seção *Relatos de Experiência*, apresentamos textos que são frutos de experiências associadas a atuação dos professores na escola básica. Nesse setor apresentamos o texto de Clézio dos Santos e Jefferson Oliveira de Paula, *Fanzines como Recursos Didático no Ensino de Geografia no X Fala Professor (a) Rio de Janeiro 2023*. O texto é fruto de uma oficina realizada no X Encontro Estadual de Professores de Geografia em 2023. A proposta, inicialmente, debate o conceito de fanzine e demonstra a possibilidade didática de trabalhar com os fanzines em sala de aula. Por fim, temos o texto, *Jornal na Escola: proposta para a formação de leitores críticos em escolas públicas* de autoria de Aparecida Maria Peres Mainenti e Karoline Guimarães Castro Ferreira. A proposta valida a possibilidade de construir o “jornal escolar” e expõe a importância desse tipo de projeto para a formação de leitores críticos. Os projetos em tela foram executados no Colégio Estadual Júlia Kubitschek localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro e no Colégio Irene Barbosa Ornelas situado na cidade de São Gonçalo, mais especificamente no bairro Jardim Catarina.

Agradecemos o empenho do amplo coletivo que permite a execução dessa Revista: os membros da diretoria da AGB - Seção Local Niterói, os editores, os autores, os pareceristas e todos aqueles que mantêm o horizonte de luta e o fio da esperança em dias melhores.

### *Lugar Singular*

João Paulo Dias de Araújo  
araujodimjpa@gmail.com

Ela é diferente de todas.  
E feita pra mim.  
Nunca me senti assim,  
Num espaço como esse.

Quase todos parecem  
Com os meus e comigo.  
Vários são os semblantes  
amigos,  
Que lhe cumprimenta até com  
o olhar.  
Ali ninguém é invisível,  
Não existe neutralidade.  
Energia incrível.  
Só gente de verdade.

Ali é faculdade,  
Mas também é favela,  
Lugar de gente preta,  
Branca ou amarela.  
De gente pobre,  
De gente nordestina.  
Lá só tem gente fina.  
Deve ser difícil um vacilão se  
criar.

Até os vira-latas do campus,  
Me remetem ao meu lugar.  
Ambiente tão familiar.  
Os professores-doutores,  
São gabaritados,  
Mas também são  
humanizados.

Existe hierarquia,  
Mas a relação não é fria.  
Pois lá não tem pedestal,  
Os camaradas conversam com  
todos,  
De forma normal.  
Como em todas deveria ser.  
Acho isso tão fenomenal.  
Parece até que já foi  
combinado.  
Isso me deixa encantado.  
E querendo ficar.

Todas às vezes que parto,  
Algo meu fica lá.  
E trago comigo,  
Alguns grãos de  
conhecimento.  
Mas o que me marca de fato,  
São as relações interpessoais.  
Isso sim é demais,  
E o que a torna tão ESPECIAL!

REVISTA FLUMINENSE DE GEOGRAFIA	Niterói (RJ)	Vol. 4 n. 1 jan-jun 2024	e-ISSN: 1980-9018
------------------------------------	--------------	--------------------------	-------------------

### O que é ESPAÇO?

João Paulo Dias de Araújo  
araujodimjpa@gmail.com

Espaço, conceito tão caro.  
Desafiador para a Filosofia.  
Difícil é fazer a passagem da Grande, mais geral,  
Para a pequena teoria.  
Neste caso me refiro  
A nossa Geografia.

Espaço,  
O astro maior.  
O conceito dos conceitos.  
Uma categoria.  
Explica-se através  
De outros conceitos  
Que orbitam sobre o próprio.  
Incluem-se aí,  
Região,  
Paisagem,  
Lugar e Território.

Para HAESBAERT, depois do Espaço,  
A Região tem lugar de destaque.  
Já Moreira prefere a Paisagem.

HAESBAERT afirma o papel da Região,  
Que permeia os demais conceitos,  
Fazendo a ligação.  
Ela está "acima" do Território e do Lugar.  
Sendo uma categoria de análise,  
Sua "translação" é multiescalar.

E o território, o que pode ser?  
Este se associa com as relações de poder.  
Não apenas com a concepção jurídico-política do Estado.  
Ele é multidimensional,  
Multiescalar,  
Multifacetado.

REVISTA FLUMINENSE DE GEOGRAFIA	Niterói (RJ)	Vol. 4 n. 1 jan-jun 2024	e-ISSN: 1980-9018
------------------------------------	--------------	--------------------------	-------------------

## O que é ESPAÇO?

Na perspectiva foucaltiana,  
Existem diversos tipos de poder,  
Em suas múltiplas escalaridades.  
Assim também surgem as Territorialidades.  
Elas podem ser voláteis,  
Como um ponto de prostituição.  
Conceito debruçado por SOUZA,  
Que deixou sua contribuição.

Para SUERTEGARAY, Paisagem é um conceito  
operacional,  
Sob uma dimensão.  
De elementos naturais,  
Tecnificados,  
E socioeconômicos,  
Numa conjugação.  
É a materialização das  
Condições sociais.  
Nela podem persistir  
Elementos naturais e culturais  
Transfigurados.  
São as ditas rugosidades,  
Heranças do passado.

Já Lugar me parece estar atrelado as relações  
cotidianas do indivíduo.  
Na visão lefbvrina  
O Lugar tem relação direta com o espaço vivido.

Visando entender a organização espacial  
E sua evolução temporal,  
SANTOS lançou mão de quatro conceitos,  
Que devem ser entendidos deste jeito;  
Sempre interligados:  
FORMA,  
FUNÇÃO,  
ESTRUTURA E  
PROCESSO.  
CORREA insere os SIGNIFICADOS.

São símbolos e formas simbólicas,  
Que precisam ser abordados.  
Eles permeiam o Espaço geográfico.  
Dão sentido a várias esferas da vida.  
Tornam o Espaço mais inteligível num todo.  
É isso o que ele afirma.

Mas o que é Espaço afinal?  
SANTOS destaca que é condição,  
Também evolução social.  
O Espaço é absoluto,  
É relativo.  
HARVEY acrescenta o Relacional.

Espaço geográfico é um conjunto de sistemas e ações,  
Cheio de contradições.  
É a relação homem-meio  
E suas interações.

## LUCAS

*LUCAS*

Maria Paula de Souza Turim  
Universidade de Sorocaba (UNISO)  
mariapauladesouzaturim@gmail.com

### Resumo:

O conto refere-se a desautorizar os espaços de leitura hegemônicos. Desse modo, o protagonista vivencia uma experiência além do ato de leitura por ele almejado. Lucas faz parte de desmistificar o pensamento cristalizado de que os brasileiros não leem, pois, encontramos pessoas lendo em diversos lugares - às vezes inusitados - onde há leitores distantes do ambiente considerado o exemplar: com cadeiras confortáveis e abajures ao lado. Essa configuração, delineada por uma elite, faz com que os variados lugares de leitura se tornem invisíveis. Esse conto manifesta o ato de ler em mobilidade geográfica, dissolvendo a concepção dos lugares ideais de leitura.

**Palavras-chave:** Topologia de Leituras, Lugares, Ler.

REVISTA FLUMINENSE DE GEOGRAFIA	Niterói (RJ)	Vol. 4, n.1 jan-jun 2024	e-ISSN: 1980-9018
------------------------------------	--------------	--------------------------	-------------------

**Abstract:**

The short story aims to challenge hegemonic reading spaces. In doing so, the protagonist experiences something beyond the act of reading that they initially sought. Lucas contributes to demystifying the entrenched belief that Brazilians don't read. We encounter people reading in various, sometimes unexpected, places—far from the typical setting with comfortable chairs and adjacent lamps. This configuration, often associated with an elite, renders diverse reading locations invisible. The story highlights reading as a geographically mobile activity, dissolving the notion of ideal reading places.

**Keywords:** Reading Topology, Places, Reading.

Eu tinha quinze anos quando entrei, tremendo de frio, na sala de leitura da biblioteca pública no centro da minha cidade. Como sempre, conferi o retrato do doador do primeiro acervo, Dr. Carlos Miguel Novaes, e era automático: o sorriso irônico do Dr. Carlos, tentando ser sério, posado por horas e horas, centralizava-me de forma reconfortante. A sala de leitura parecia uma espécie de alcova pequena com um teto elevado. Havia muitos ganchos para pendurarmos casacos, bonés e um espelho antigo pregado em um móvel com pés quadrangulares que, barrando propositamente um dos ângulos da sala, dirigia o usuário ao funcionário encarregado.

Naquela terça, a sala estava cheia. Mostrei rapidamente meu cartão de leitor para a Lúcia que foi buscar o livro que lia, ali, todos os dias do Ítalo Calvino. Procurei meu lugar e conferi o horário. Tinha duas horas e quinze. Abri meu livro no começo. Gostava de reler o começo:

*Você vai começar a ler o novo romance de Ítalo Calvino, Se um viajante numa noite de inverno. Relaxe. Concentre-se. Afaste todos os outros pensamentos. Deixe que o mundo a sua volta se dissolva no infinito. É melhor fechar a porta; do outro lado há sempre um televisor ligado. [...] Escolha a posição mais cômoda: sentado, estendido, encolhido, deitado. [...] Numa poltrona, num sofá, numa cadeira de balanço, numa espreguiçadeira, num pufe. Numa rede, se tiver uma.*

Quando estava abrindo o livro na página que parara, um senhor, que eu já vira por lá mesmo, sentou-se no lugar que havia em minha mesa e aproximando-se muito de mim começou a conversar comigo. O problema era que ele falava alto demais, a abordagem fora em voz muito alta e o cartaz da minha frente parecia gritar: SILÊNCIO e o RESPEITO!!!

Tudo isso me deixava meio constrangido, mas meu vizinho de mesa parecia não se importar. Dizia que eu era filho de um muito amigo seu e outras informações que eu não queria entender. De repente, abrindo uma carteira de couro marrom meio esgarçada, olhou-me por um tempo, sem falar nada, como se arrumasse o curso dos pensamentos e tirou, do meio de dinheiro, papéis dobrados e cartões, uma foto. Entregou-me e, com emoção, disse ter pertencido à sua mulher. Pediu-me para ler o que estava escrito no verso e como

não entendi nada, olhei para ele com um olhar mendicante e constrangido. Sem desviar os olhos e com uma ponta de orgulho disse-me que era adeus em alemão. A memória apossou-se de meu vizinho, tomou conta da sala redemoinhando nas peças imóveis que nos cercavam e nos cartazes espalhados pela Sala de leitura... As palavras saíam seguras de sua boca emoldurada por um bigode mal-cuidado. Falou-me sobre a mão pequena de sua mulher na sua, no porto que, abandonado, o levaria à guerra. Relembrou-se da foto que permanecia em sua mão, ali colada, suada, dolorida, ferindo o seu corpo que se afastava cada vez mais do ponto da terra onde lhe acenava a mulher que mais amara na vida e a quem iria dedicar-se inteiramente a esse fim. "Adeus", disseram-se. Escreveram-se muito. Recebera a notícia da morte dela por uma carta oficial junto com três cartas suas que ela nunca chegara a receber. E era isso, suspirou. E mais o sentimento do vazio de sua existência que parecia exaurir-se lentamente, dia após dia. O senhor, ao meu lado, olhou-me. Seu olhar proclamava o vazio. "Até amanhã", ele disse. E retirou-se.

# UMA LUZ NEON NA ENCRUZILHADA

A NEON LIGHT AT THE CROSSROADS

Eduardo Karol

Professor Associado da UERJ-FFP  
eduardokarol01@gmail.com

## Resumo:

O texto que apresento foi escrito na década de oitenta (ou noventa, não me lembro bem) do século XX. A inspiração veio do tempo juvenil em que colecionava caixas de fósforo – tal prática se chama **Filumenia** – e ao mesmo tempo identificava o espaço onde eram produzidas. Agora disponibilizo com a tentativa de incentivar docentes da educação básica a exercitar a imaginação sobre os espaços de existências próprios e dos estudantes. Trata da modificação da paisagem onde os equipamentos – removido e construído – tem novos sentidos e funções.

**Palavras-chave:** Memória espacial, Ensino de Geografia, atividade escolar.

REVISTA FLUMINENSE DE GEOGRAFIA	Niterói (RJ)	Vol. 4 n. 1 jan-jun 2024	e-ISSN: 1980-9018
------------------------------------	--------------	--------------------------	-------------------

**Abstract:**

The text I present below was written in the 1980s (or 1990s, I don't remember exactly) of the 20th century. It was inspired by my youthful days when I collected matchboxes – a practice known as “Filumenia” – while simultaneously identifying the spaces where they were produced. Now, I share it with the intention of encouraging educators in basic education to exercise their imagination regarding their own existence and that of their students. The text delves into the modification of the landscape, where equipment – both removed and constructed – takes on new meanings and functions.

**Keywords:** Spatial memory, Geography education, School activity.

"quando o apito da fábrica de tecidos  
vêm ferir os meus ouvidos  
eu me lembro de você".

Noel Rosa

A vila operária acordava ao primeiro apito da fábrica. Logo se sentia a movimentação do chegar dos trabalhadores.

Os operários que moravam em outras localidades, antes do apito, já haviam deixado sua aconchegante cama para a marcha quotidiana, ou melhor, para no primeiro raio de sol encarar o ônibus que, de ponto em ponto, recolhia as pessoas que durante aquele dia (e os seguintes) produziram as riquezas e enriqueceriam aqueles que são donos das fábricas.

Dia-a-dia aquela situação se repetia. Ano a ano a esperança de construção de uma vida melhor. Diariamente a relação com a máquina enrijecia seu caráter e o seu corpo sentia o peso do desgaste com o passar do tempo. Tempo medido, minuto a minuto, para não se perder nem um tostão na produção. Só na hora do rango havia tempo para falar da patroa, dos moleques, jogar, falar da grande vitória do seu time no dia anterior, conversar sobre o sindicato, enfim aliviar as tensões provocadas pela utilização do tempo como máquina.

Eis que numa manhã, o boato começa a rondar a cabeça daqueles que acreditavam que a situação estava maravilhosa. Todos comentavam: "vai haver demissões porque os custos da produção estão altos"; "dizem que será reduzido à metade o número de empregados". E mais uma tensão: a incerteza de continuar ou não no trabalho. O imaginário fervilha de dúvidas: como alimentar a molecada. E aquele presente que prometi?

Assim é o capitalismo, que pouco a pouco vai espremendo o homem como laranja e depois joga o bagaço e a casca no lixo. Já sem a mesma vitalidade de antes: vai ser subempregado nas ruas.

E pouco a pouco o apito não emite o mesmo som. E em breve só temos as instalações da fábrica guardadas por dois vigilantes contratados. Aquela empresa que se orgulhava de ter no seu quadro de funcionários, tantos mil, hoje emprega apenas dois.

Chuva, sol, outono, inverno e as instalações em processo de deterioração. Desaba o telhado. Cai uma parede. Começam a aparecer às ruínas de um local que foi o ganha pão de muitos que com saudades olham o tempo consumir seus pensamentos. Na vila seu Antônio lembra histórias desde a construção até o fechamento. Só a chaminé, símbolo de um modelo e uma época, continua ereta, sem se deixar abater pelas mudanças de tempo.

Numa manhã chegam os homens com suas máquinas e montam o canteiro de obras e começam a tirar da paisagem aqueles elementos que perderam sua importância. Começa a demolição. A movimentação agora tem como objetivo apagar aquelas lembranças de um passado recente. Entram e saem os operários que dia a dia colocam o terreno no seu estado virginal. Tomba a chaminé, o símbolo de uma época. E começam a chegar mais operários, mestres de obra, pedreiros, serventes, ladrilheiros, que a empreiteira foi buscar em outro Estado, para não perder um minuto de trabalho.

Em alguns meses já começamos a perceber contornos diferentes daqueles da velha fábrica. Os boatos se sucedem na localidade: "vai ser um shopping center"! "não! vai ser um supermercado"! e apareceu na paisagem um novo elemento construído, mais uma vez, pelas mãos exploradas do trabalhador. Terminada a "obra prima" começa o recrutamento de novos trabalhadores e aqueles que demoliram e construíram, saem de cena e voltam para qualquer lugar, para demolir e construir outra vez.

No lugar da velha chaminé, foi construída outra em forma de cilindro que no seu topo faz brilhar uma luz néon, indicando que ali há mais um supermercado Carrefour (leia-se em português "encruzilhada").

## ATIVIDADE

Vou propor uma atividade de menor complexidade e deixando ao professor e ou professora a criatividade para desenvolver outras.

Solicitar ao estudante que procure e traga para aula uma embalagem de produto fabricado na região em que mora — é necessário estar atento a escala de abrangência — bairro, cidade, município, unidade da federação.

Com a embalagem em mãos pedir para transcrever no caderno o endereço completo existente na embalagem.

Com mapas de aplicativos localizar o endereço.

Pedir aos estudantes que imaginem e desenhem como é o lugar onde a fábrica do produto está localizada.

O professor e ou professora, coleta imagens dos endereços apresentados pelos estudantes e vai construindo a identidade dos lugares.

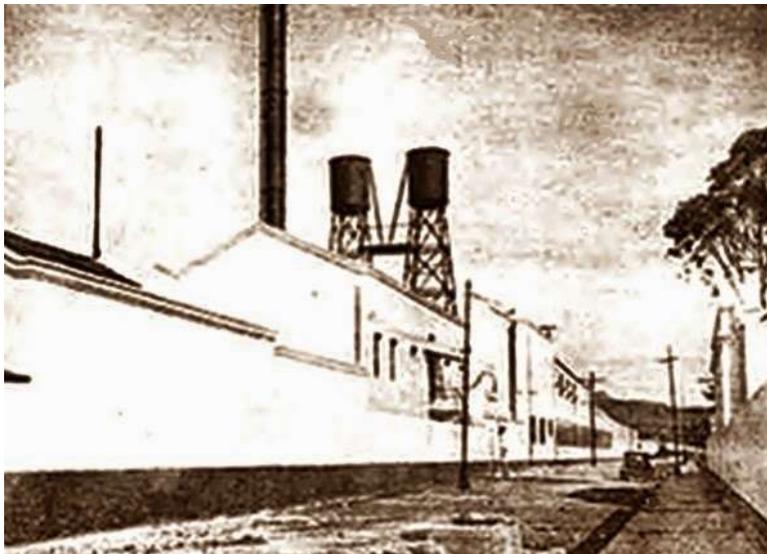
Após a atividade o professor e ou professora apresenta as ideias de lugar e paisagem.

#### IMAGENS RELACIONADAS AO TEXTO





Caixas de fosforo produzidas pela Fiat Lux para propaganda de marcas.



Fábrica de Fósforo Fiat Lux, Barreto, Niterói – Fonte: site 1



Vila Fiat Lux - Fonte: Jefferson e outros

#### SUGESTÃO DE BIBLIOGRAFIA

Luciana Pucu Wollmann do Amaral. Quando o apito não tocou: uma perspectiva multiterritorial de um bairro operário em declínio (Barreto - Niterói). Estudos Geográficos, Rio Claro, 9(1): 49-67, jan./jun., 2011 (ISSN 1678-698X).

<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo>

Leila de Oliveira Lima Araujo. Paisagens urbanas reveladas pelas memórias do trabalho. Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales Universidad de Barcelona. ISSN: 1138-9788. Depósito Legal: B. 21.741-98 Vol. VI, núm. 119 (54), 1 de agosto de 2002

Jefferson Campos, Luísa Jardim, Diego Martinez, Edilson Vieira, Selene Herculano. Estudo iconográfico do Barreto (Niteroi, RJ). Revista VITAS - Visões Transdisciplinares sobre Ambiente e Sociedade - [www.uff.br/revistavitas](http://www.uff.br/revistavitas) ISSN 2238-1627, Nº 3, junho de 2012

SITES

- 1 - <http://grupoprazerdejogar.blogspot.com/2014/10/fabrica-de-fosforo-fiat-lux-barreto.html>
- 2 - <https://www.jornaldaki.com.br/post/uma-história-sobre-a-fábrica-dos-fósforos-fiat-lux-por-erick-bernardes>
- 3 - <http://www.labhoi.uff.br/arquivo-sonoro/item/3001>

POSSIBILIDADES TEÓRICO-  
METODOLÓGICAS PARA A PESQUISA  
GEOGRÁFICA: O CONCRETO PENSADO E  
AS CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO  
GRAMSCIANO

Theoretical-methodological possibilities  
for geographic research: the concrete  
thought and the contributions of  
Gramscian thought

Rodrigo Coutinho Andrade

Doutor em Educação pelo PPGEduc-UFRRJ

Professor do DeGEO-IM/UFRRJ

Professor do PPGEduc-FFP/UERJ

Professor do PPGEduc-UFRRJ

Membro do GTPS-UFRRJ

Membro do GT de Ensino da AGB-Niterói

**Resumo:**

Objetivamos expor no presente ensaio um breve quadro teórico-metodológico para a pesquisa na ciência geográfica fundada nos contributos do materialismo histórico-dialético, tomando como ferramenta para o exame da realidade concreta parte dos conceitos e categorias do pensamento gramsciano, principalmente o Estado, a hegemonia, e o bloco histórico. Trata-se de uma pesquisa básica de caráter explicativo, que se sustenta pela revisão e análise de parte do referencial bibliográfico no campo de estudo acima discriminado. Como resultado, acredita-se que para a análise do real concreto, no campo das Ciências Sociais e na ciência geográfica, torna-se imprescindível para a atividade intelectual, e para a aproximação do desvelo da realidade, a abstração da mesma contida *pari passu* com os signos, as mediações e as ações que imputam, em um dado contexto sócio-histórico, os sentidos da existência.

**Palavras-chave:** Método; Totalidade; Estado; Marxismo.

REVISTA FLUMINENSE DE GEOGRAFIA	Niterói (RJ)	Vol. 4, n. 1 jan-jun 2024	e-ISSN: 1980-9018
------------------------------------	--------------	---------------------------	-------------------

**Abstract:**

In this essay, we aim to expose a brief theoretical-methodological framework for research in geographic science based on the contributions of historical-dialectical materialism, taking as a tool for the examination of concrete reality part of the concepts and categories of Gramscian thought, mainly the State, the hegemony, and the historic block. It is, therefore, basic research of an explanatory nature, which is supported by the review and analysis of part of the bibliographic reference in the field of study described above. As a result, it is believed that for the analysis of the concrete reality, in the field of Social Sciences and in geographic science, it becomes essential for intellectual activity, and for the approximation of the care of reality, the abstraction of the same contained *pari passu* with the signs, mediations and actions that impute, in a given socio-historical context, the meanings of existence.

**Keywords:** Method; Totality; State; Marxism.

## Introdução

O presente ensaio tem como proposição a exposição, mesmo que sintética e contendo limitações cabíveis à magnitude dos estudos históricos sobre a temática, de instrumentos teórico-metodológicos para o exame da realidade calcada nos contributos do materialismo histórico-dialético – com relativa especificidade no pensamento gramsciano. Tal predileção foi motivada tanto pelas vicissitudes que abarcam a pesquisa científica no campo geográfico, indissociável da sistematização de possível forma de análise da realidade *em si*, quanto pela mensuração por meio da experiência pessoal enquanto professor do Ensino Superior, no qual noto – mesmo que a experiência possa obliterar a realidade factual *em si* pelos descaminhos do sensível-aparente – um relativo *vazio* em tais debates e questões ao longo do percurso formativo nos cursos de licenciatura. Neste sentido, objetivamos expor um breve quadro teórico-metodológico para a pesquisa básica fundada nos contributos do materialismo histórico-dialético, tomando como ferramentas analíticas da realidade categorias desenvolvidas pelo intelectual sardo. Trata-se de uma pesquisa básica de caráter explicativo, que se sustenta pela revisão e análise de parte do referencial bibliográfico no campo de estudo acima discriminado.

### O concreto, a essência, a dialética e a totalidade.

O concreto é concreto, porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso, o concreto aparece no pensamento como o processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida, embora seja o verdadeiro ponto de partida e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação (MARX, 2007, p. 257).

Esta assertiva de Marx (2007; 2008) sobre a concepção do concreto tem como um dos fundamentos críticos sua análise da dialética hegeliana, principalmente na crítica filosófica da concepção do/de direito-Estado em Hegel (MARX, 2005), que estipula a realidade como pensamento absorvido *em si* no campo das ideias, ou espírito, gerando a metamorfose do mesmo às predileções da

consciência e a forma de síntese desta deslocadas de “variáveis” do real *em si*. Ou seja, a idealização pura da realidade concreta incluindo o movimento dialético restrito ao ideal e manuseado por este; como por exemplo a concepção de Estado fundado na família e na sociedade civil, no qual Marx (2005) exerce a crítica desta que oblitera a forma política no berço da sociedade capitalista e, portanto, das relações materiais-jurídicas fundadas no arcabouço ideal-liberal ou das muitas determinações que imputam uma lógica para a reprodução social e material. Embora seja inegável a influência do pensamento hegeliano em suas obras, a transição ocorre exatamente na concreção do materialismo para o exame dos fenômenos sociais também em sua concepção sobre o Estado, o jurídico e a sociedade civil – de classes –, no qual sua “anatomia” estaria sob a Economia Política, e não no seio de possíveis veredas intuitivo-especulativas.

Para Marx (2007; 2008) este método, mesmo que fundante do seu pensamento, isolaria em sua forma-conteúdo histórico-geográfica determinadas categorias-conceitos pertinentes para a análise da realidade em sua essência contraditória, como por exemplo o exame do valor de troca sem a consideração da população e sua composição em classes, o “capital sem trabalho assalariado, sem valor, dinheiro, preços, etc.” (MARX, 2007, p. 256), ou a própria constituição do Estado sem a dimensão da propriedade, assim como o descarte da/de sua historicidade e de variáveis que instituem um fenômeno para além da aparência – mesmo que seja o elemento intuitivo. Por conseguinte, Marx (2007) considera que cientificamente, para a mediação dos fenômenos e sua realidade material-imaterial, as categorias são de vital importância para a análise do real – sendo elas tomadas como simples ou complexas – além de portarem no movimento de abstração o processo histórico real e sua complexificação ao longo do tempo<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Para chegar a essa afirmação, Marx (2007) tomou o trabalho como exemplo, assim como o sistema monetário ao longo da história. Sobre a primeira categoria Marx afirma que é impossível abstrair de modo mais geral o inexistente, somente o que é comum à existência humana e, por conseguinte, produto das relações sociais históricas. Ao mesmo tempo, todas as épocas são determinadas por essas abstrações “do mesmo modo o produto de condições históricas não possuem plena validade senão para essas condições e dentro dos limites dessas mesmas condições” (MARX, 2007, p. 262).

Para a consciência - e a consciência filosófica é determinada de tal modo que para ela o pensamento que concebe o homem é o homem real, e o mundo concebido é, como tal, o único mundo real -, pois, o movimento das categorias aparece como o verdadeiro ato de produção - que apenas recebe um impulso do exterior - cujo resultado é o mundo, e isso é exato porque a totalidade concreta, como totalidade do pensamento, como uma concreção do pensamento, é, na realidade, um produto do pensar, do conceber; não é de nenhum modo o produto do conceito que se engendra a si mesmo e que concebe separadamente e acima da intuição e da representação, mas é a elaboração da intuição e da representação em conceitos. O todo, tal como aparece no cérebro, como um todo mental, é um produto do cérebro pensante, que se apropria do mundo da única maneira em que o pode fazer, maneira que difere do modo artístico, religioso e prático de se apropriar dele. O objeto concreto permanece em pé antes e depois, em sua independência e fora do cérebro ao mesmo tempo, isto é, o cérebro não se comporta senão especulativamente, teoricamente (MARX, 2007, p. 257-258).

Marx (2007; 2008) ressalta duas importantes colocações sobre o método científico em relação ao supracitado. A primeira reside na concepção humana da realidade presente na consciência filosófica, na concepção político-ideológica de/do mundo, e em sua abstração, que origina o caminho para o exame da materialidade como concreção do pensamento elaborado pela intuição, assim como pelos conceitos inexoráveis da realidade histórica e seu processo - portanto, toda epiderme conceitual se acama em "sua" ontologia. A segunda colocação destaca que a existência do "objeto" concreto independe do pensamento humano - mesmo que fundado por ele. Resta ao humano se debruçar sobre suas formas de conhecimento-conhecer e atuação-atuar no mundo tanto prática, quanto teoricamente, objetivando a práxis de modo histórico-geográfico em um dado momento histórico das relações sociais de produção - isso não significa o império reinante do estranhamento. Se, obviamente, as duas considerações não ocorrem de modo isolado dos acontecimentos históricos e suas contradições-mediações, os elementos fundantes da análise se reificam - e são reificados - como fenômeno social que não

são observados e analisados de modo isolado da totalidade, mas sim como um momento do todo pertencente que, ao mesmo tempo, reflete o todo.

Um fenômeno social é um fato histórico na medida em que é examinado como momento de um determinado todo; desempenha, portanto, uma função *dupla*, a única capaz de dele fazer efetivamente um fato histórico: de um lado, definir a si mesmo, e de outro, definir o todo; ser ao mesmo tempo produtor e produto; ser revelador e ao mesmo tempo decifrar a si mesmo; conquistar o próprio significado autêntico e ao mesmo tempo conferir um sentido a algo a mais. Esta recíproca conexão e mediação da parte e do todo significam a um só tempo: os fatos isolados são abstrações, são momentos artificialmente separados do todo, os quais só quando inseridos no todo correspondente adquirem verdade e concreticidade. Do mesmo modo, o todo de que não foram diferenciados e determinados os momentos é um todo abstrato e vazio (KOSIK, 1976, p. 40-41 – grifo do autor).

Neste sentido o método para o exame dos fenômenos sociais deve, sob a ótica de Kosik (1976), executar o movimento dialético fundado em concepções distintas e integradas da realidade sob o princípio da totalidade – unidade. Isto tende a se constituir como base do pensamento científico devido à sua abstrata estruturação inicial para análise e verificação do concreto, sem a primazia cerceadora do mesmo, ou seu modo aparente para a consciência<sup>2</sup>. O mesmo tem como metáfora a espiral iniciando pela abstração e pelo relativismo, ou hipótese, sendo concretizada por meio do diálogo entre o todo e as partes – e vice-versa –, do fenômeno para a essência, e da essência para o fenômeno, “da totalidade para as contradições e das contradições para a totalidade” (KOSIK, 1976, p. 41).

---

<sup>2</sup> Em Benoit e Antunes (2016, p. 33) o caminho metodológico “deve partir da totalidade como concreto indeterminado (enquanto pressuposto); deste momento deve se caminhar pelo abstrato, expondo detalhadamente as diversas formas particulares da totalidade; no terceiro momento, pouco a pouco, ocorre a superação destas formas abstratas que devem retornar ao concreto reconstruído, então, como determinado”.

A compreensão dialética da totalidade significa não só que as partes se encontram em relação de interna interação e conexão entre si e com o todo, mas também que o todo não pode ser petrificado na abstração situada por cima das partes, visto que o todo se cria a si mesmo na interação das partes [...] no pensamento dialético o real é entendido e representado como um todo que não é apenas um conjunto de relações, fatos e processos, mas também a sua criação, estrutura e gênese. Ao todo dialético pertence a criação do todo e a criação da unidade, a unidade das contradições e sua gênese (KOSIK, 1976, p. 42 – grifos do autor).

A dialética não pode entender a totalidade como um todo já feito e formalizado, que determina as partes, porquanto à própria determinação da totalidade pertencem a gênese e o desenvolvimento da totalidade, o que, de um ponto de vista metodológico, comporta a indagação de como nasce a totalidade e quais são as fontes internas do seu desenvolvimento e movimento (KOSIK, 1976, p. 49 – grifos do autor).

Acerca da totalidade partimos do pressuposto de que os fenômenos que determinam a reprodução social da vida material na sociedade burguesa – capital-ista – estão articulados organicamente às relações econômicas, sociais, ideológicas, culturais e políticas estabelecidas no meio social em um processo histórico-dialético, que ocorre em inúmeras escalas – do local ao global – e que, por conseguinte, são fugidias da compreensão por meio da aparência – do imediato. Ao mesmo tempo se recusa a análise do fenômeno pelo caminho de fragmentação pura dos eventos que abarcam a totalidade social, ou por meio da extração pura da parte do todo<sup>3</sup>. Pelo contrário, acreditamos que o mesmo está articulado a “uma totalidade concreta inclusiva e macroscópica, de máxima complexidade, constituída por totalidade de menor complexidade” (PAULO NETTO, 2011, p. 56).

Se a pesquisa geográfica neste campo teórico-metodológico abarca uma totalidade complexa que, por sua primazia, apresenta determinantes e determinações indissociáveis dos elementos do sistema do capital “ontem” e hoje, e que não se esgotam na aparência, ela prescinde da determinação integrada e mediada pelos agentes,

---

<sup>3</sup> Cf. Moreira (2014, p. 22-40).

processos e intencionalidades que regem em si – e para si – os princípios sociometabólicos (MÉSZÁROS, 2011) – incluindo aqui as contradições deste e as mediações específicas em todo momento histórico na sociedade resultante da luta de classes. Todavia, cabe distinguir enquanto vereda teórico-metodológica os movimentos orgânicos (relativamente permanentes) dos elementos que podem ser denominados “de conjuntura” (que se apresentam como ocasionais, imediatos, quase acidentais), considerando que os fenômenos de conjuntura dependem, é claro, de movimentos orgânicos; mas seu significado não tem um amplo alcance histórico (GRAMSCI, 2000, p. 45).

No corpo da totalidade, para operar a dinâmica em que se consolida a pesquisa geográfica, entendemos que este movimento-distinção é composto por contradições inerentes, inexoráveis do contexto histórico-geográfico, sem deslocar deste sentido sua ontologia. Deste modo, a análise das contradições do capital se insere na estrutura da totalidade em sua interesalaridade (LACOSTE, 1993)<sup>4</sup> com as devidas considerações sobre as relações e as determinações histórico-geográficas – o uno do diverso *do uno*. Concebe-se aqui que a análise do objeto residirá no escopo de sua organicidade histórica e espacial de acordo com a dialética movimento-permanência, continuidade-descontinuidade (LEFEBVRE, 1976). Para tal, nos apropriamos das considerações de Kosik (1976) sobre a primazia do conhecimento da realidade que não se perfaz pela leitura do imediato, que ao mesmo tempo existe independente da nossa consciência – e ao mesmo tempo é produto, passado-presente-futuro, humano –, onde o movimento em questão se circunscreve à sua apropriação por meio do pensamento, tomando-a como objeto do conhecimento.

O mesmo se realiza por meio *do/de um détour* para a compreensão do objeto em si, do real-concreto de modo dialético, buscando suas relações internas e as respectivas mediações para o alcance da totalidade – o concreto pensado – como síntese das diversas determinações que formam uma unidade, para consecutivamente minar a *pseudoconcreticidade* emanada na aparência, no discurso e na ideologia.

---

<sup>4</sup> Destacamos nesta obra os conceitos de espacialidade diferencial e *aménagement* (LACOSTE, 1993).

A dialética não atinge o conhecimento de fora para dentro, nem de imediato, nem tampouco constitui uma de suas qualidades; o conhecimento é que é a própria dialética em uma de suas formas; o conhecimento é a decomposição do todo. O “conceito” e a “abstração”, em uma concepção dialética, tem o significado de método que decompõe o todo para reproduzir espiritualmente a estrutura da coisa, e, portanto, compreender a coisa (KOSIK, 1976, p. 23).

Sobre as contradições em curso, “remanescentes” do desenvolvimento das forças produtivas materiais e a sua respectiva dimensão imaterial no bojo sistêmico do capital (MARX, 2008), acreditamos que tais desvelam as intencionalidades e determinações para a reprodução social em si, assim como a certeza, em sua historicidade, da própria dissociabilidade entre ciência e política que institui(u) uma lógica para a produção acadêmica, principalmente àquelas que oferecem finalidades instrumentais e pragmáticas para as demandas hegemônico-burguesas resgatando as premissas político-ideológicas positivistas para a análise sociológica (LÖWY, 1987), não descartando o movimento fragmentário e micro-histórico defendido pelo paradigma pós-moderno. Portanto, o papel da contradição enquanto método posiciona-se tanto no sentido político-científico, quanto para a análise da totalidade concreta.

A posição da totalidade, que compreende a realidade nas suas íntimas leis e revela, sob a superfície e a casualidade dos fenômenos, as conexões internas, necessárias, coloca-se em antítese à posição do empirismo, que considera as manifestações fenomênicas e casuais, não chegando a atingir a compreensão dos processos evolutivos da realidade (KOSIK, 1976, p. 33).

### **Essência-aparência-consciência.**

A citação acima se torna, sob este intento, salutar para a leitura sobre a dialética essência-aparência em vista à/da análise da realidade, onde as perspectivas hegemônicas apontam intencionalmente para a ordem da aparência fragmentária como ente real pressupondo o imediato como a face essencial dos eventos históricos – o *presenteísmo*. Isto se ratifica nos estudos das fontes

bibliográficas deslocadas dos determinantes políticos, econômicos e sociológicos destoantes da concepção da/de realidade e seus instituintes de/da mediação, que demandam esforços cognitivos inter-relacionais aos condicionantes históricos e estruturais para compreensão da essência. Para Marx (2008) o mundo no campo do sensório é limitado pela aparência, e a busca de sua essência advém do esforço de abstração para a construção de conceitos mais apurados sobre o real por meio das contradições imanentes do aparente.

Destarte, a estrutura da consciência requer, de acordo com este método para a produção do conhecimento, a resignificação do real diante da interpretação das coisas em sua existência em si, considerado de modo independente da consciência humana. Ou seja, separar os objetos-sujeitos históricos da sua relação puramente prática tendo como horizonte a repolitização da relação entre os homens e com o - no - mundo. Deste modo, recusa-se a leitura da fragmentação instrumental e a-histórica da realidade que materializa o homem prático (VÁZQUEZ, 1977). Portanto, a produção do conhecimento neste campo advém da articulação mediata com a prática, que redefine dialeticamente a teoria dentro da consciência histórico-criadora que condiciona o próprio trabalho destoante do sentido prático no capitalismo tanto outrora, quanto coetaneamente.

Logo, os conceitos e categorias na/da pesquisa se portam como instrumentos de mediação entre o real concreto e as respectivas demandas de abstração do fenômeno, objetivando com isto identificar as contradições em curso no processo de reestruturação do regime de produção capitalista que determina as ações superestruturais, indissociável das finalidades ideológicas criadas para sua consolidação. O que queremos explicitar é, sobretudo, a articulação dos movimentos orgânicos com os de conjuntura no conteúdo do bloco histórico e, neste ínterim, analisar os entes que materializam tais políticas no escopo da totalidade ampla para verificar, sob tais premissas, o desvelo do projeto hegemônico.

O corpo teórico para o exame dos fenômenos sociais se incorpora no princípio da totalidade no sistema capitalista, que é produto histórico e social arraigado enquanto "unidade dialética entre a base e a supra-estrutura" (KOSIK, 1976, p. 44). Acreditamos

que tal opção epistemológica nos ancora às prerrogativas para o (do) exame dos determinantes que desencadeiam a pesquisa geográfica neste sentido, que no pensamento marxista é definido pela própria condição da existência correspondente a um grau determinado do desenvolvimento das forças produtivas.

A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência (MARX, 2007, p. 45).

Acreditamos que tal caminho analítico tem como fundamento a verificação dos determinantes da sociedade de classes espelhados na recomposição estrutural e superestrutural – da hegemonia burguesa.

### **O arranjo das mediações – estrutura, superestrutura, bloco histórico e hegemonia em Gramsci.**

Para Gramsci (1999) o conceito de estrutura, não diferente de Marx, se refere ao desenvolvimento das forças materiais de produção em um determinado período histórico. Acresce Coutinho (2011, p. 116) que:

[...] A estrutura econômica não é, para Gramsci, a simples esfera da produção de objetos materiais, de coisas, mas é o modo pelo qual os homens estabelecem seu “metabolismo” com a natureza e produzem e reproduzem não só esses objetos materiais, mas sobretudo suas próprias relações sociais globais [...] Gramsci identifica a estrutura econômica com o “conjunto das relações sociais”, ou seja, com a totalidade.

Ademais, segundo Portelli (1977, p. 46), o estudo da estrutura para Gramsci se pautaria nas condições objetivas pretéritas em curso no processo histórico, e não uma fotografia do presente.

O conjunto das forças materiais de produção é o elemento menos variável no desenvolvimento histórico, aquele que, em cada ocasião concreta, pode ser determinado e medido com exatidão matemática, que pode dar lugar, portanto, a observações e critérios de caráter experimental e, conseqüentemente, a reconstrução de um robusto esqueleto do devir histórico. A variabilidade do conjunto das forças materiais de produção e, também ela, mensurável, e é possível estabelecer com certa precisão o momento em que seu desenvolvimento, de quantitativo, torna-se qualitativo. O conjunto das forças materiais de produção e, ao mesmo tempo, uma cristalização de toda a história passada e a base da história presente e futura, e um documento e, ao mesmo tempo, uma força ativa atual de propulsão (GRAMSCI, 1999, p. 161).

Indissociável do conteúdo da estrutura se materializa a superestrutura enquanto reflexo direto das relações sociais de produção que, para Gramsci, se reflete indissociavelmente em duas esferas: “a da sociedade política, que agrupa o aparelho de Estado, e a da sociedade civil” (PORTELLI, 1977, p. 19), onde a primeira seria responsável direta pelas medidas de coerção para a manutenção da hegemonia, não limitados especificamente pela ação violenta-repressiva, mas no condicionamento dos corpos e subjetividades em determinado sistema jurídico-político-institucional. Já a sociedade civil se reificaria como suporte ideológico e material para que a classe dirigente cimente sua concepção de vida, principalmente para a eliminação das velhas ideologias e da coerção, dependendo para tal da atuação dos intelectuais orgânicos-tradicionais e dos aparelhos privados de hegemonia.

O conceito de Estado em Gramsci (2000, pp. 254-255) não se restringe à sua esfera política estrito senso apenas, ou o sentido restrito, sendo entendido “além do aparelho de governo, também o aparelho privado de hegemonia ou sociedade civil” para a superação do Estado *gendarme-guarda noturno* especializado na coerção para a manutenção, no corpo da sociedade total, do consenso ao projeto

hegemônico por meio da ideologia<sup>5</sup>. Portanto, “na noção geral de Estado entram elementos que devem ser remetidos à noção de sociedade civil (no sentido, seria possível dizer, de que Estado = sociedade política + sociedade civil, isto é, hegemonia couraçada de coerção)” (GRAMSCI, 2000, p. 244) para a superação da força por meio do consenso – criação da vontade coletiva para a finalidade da classe dirigente.

O Estado não é um fim em si mesmo, mas um aparelho, um instrumento; é o representante não de interesses universais, mas particulares; não é uma entidade superposta à sociedade subjacente, mas é condicionado por esta e, portanto, a esta subordinado; não é uma instituição permanente, mas transitória, destinada a desaparecer com a transformação da sociedade que lhe é subjacente (BOBBIO, 1999, p. 47).

Isto ocorreu, e ainda se metamorfoseia atualmente, pela ação conjunta da sociedade política<sup>6</sup> – reunida no aparelho do Estado – e da sociedade civil<sup>7</sup> – no mesmo corpo mesmo que indiretamente –, sendo esta a instância de reprodução e consolidação do bloco ideológico.

Como ideologia da classe dirigente, ela abrange todos os ramos da ideologia, da arte à ciência, incluindo a economia, o direito, etc.;- como concepção de mundo, difundida em todas as camadas sociais para vinculá-las à classe dirigente, ela se adapta a todos os grupos;

---

<sup>5</sup> Para Gramsci (1999, pp. 99-100) a ideologia é uma concepção do mundo que se manifesta em diversos campos da vida humana com a finalidade, derivada a sua intencionalidade – como o caso da Igreja Católica –, de cimentar o bloco social na lógica reproduzida pela classe dominante, não descartando as reações contrárias. Para tal o papel dos intelectuais é fundamental para o alcance das massas, assim como para a simbiose entre a teoria e a prática.

<sup>6</sup> A sociedade política “designa precisamente o conjunto de aparelhos através dos quais a classe dominante detém e exerce o monopólio legal ou de fato da violência; trata-se dos aparelhos coercitivos do Estado” (COUTINHO, 1985, p. 60). Ou seja, corresponde à dominação direta jurídica e coerciva “para conformar as massas populares ao tipo de produção e economia de um determinado momento” (PORTELLI, 1977, p. 30).

<sup>7</sup> Segundo Coutinho (1985, p. 60), a sociedade civil se remete a uma esfera da superestrutura, referente ao “conjunto das instituições responsáveis pela elaboração e/ou difusão dos valores simbólicos, de ideologias”. Seu aspecto essencial, de acordo com o projeto hegemônico do bloco histórico, seria a estruturação ideológica da classe dirigente.

advém daí seus diferentes graus qualitativos: filosofia, religião, senso comum, folclore, etc.; - como direção ideológica da sociedade, articula-se em três níveis: a ideologia propriamente dita, a "estrutura ideológica" - isto é, as organizações que a criam e difundem -, e o material ideológico, isto é: instrumentos técnicos de difusão da ideologia (sistema escolar, *mass media*, bibliotecas etc.) (PORTELLI, 1977, p. 22 - grifos do autor).

Consecutivamente nos apropriamos do conceito de Estado Ampliado em convergência à teoria elaborada por Gramsci (2000), recusando a leitura do mesmo como restrito. De acordo com Mendonça (2014) e Coutinho (1985) a consideração do último - Estado restrito - seria uma forma de conceituação institucional natural, Estado-sujeito, ou uma "via de mão única", o que provocaria um protagonismo exacerbado de suas ações e equívocos interpretativos no processo de regulação e desenvolvimento sociológico dentro de determinado contexto histórico. Ao mesmo tempo que ratificaríamos de modo equivocado sua independência orgânica para o rearranjo dos determinantes do bloco histórico, ocultaríamos a atuação da sociedade civil no plano consultivo, deliberativo e executório das políticas públicas.

Trata-se então de superar qualquer dicotomia em sua categorização mantendo enquanto premissa a sua funcionalidade e finalidade das "condições de dominação da classe trabalhadora pela burguesia no mundo capitalista" (MENDONÇA, 2014, p. 33) e, portanto, concebendo-o como uma expressão da totalidade social, política e econômica burguesa. Considerando a restauração das bases do regime de acumulação o Estado, em processo de contrarreforma e reestruturação de sua capilaridade e finalidade, atua de modo combinado à base estrutural com o intuito de materializar institucionalmente seus ditames tanto por meio da reconfiguração dos mecanismos de mediação do conflito de classes através do refino dos métodos coercitivos e consensuais, quanto pelo incremento das condições para a extração da mais-valia<sup>8</sup> para a reprodução

---

<sup>8</sup> "Excedente do valor do produto sobre a soma dos valores dos elementos que o constituíram" (MARK, 2002, p. 249), que constitui um dos pilares para a constituição do lucro, principal objetivo dos proprietários dos meios de produção.

ampliada do capital, incluindo - obviamente - o capital financeiro (MÉSZÁROS, 2011).

No caso dos "regimes democráticos" o conceito de Estado Ampliado é indispensável para a compreensão do conceito de hegemonia.

No sistema hegemônico existe democracia entre o grupo dirigente e os grupos dirigidos na medida em que o desenvolvimento da economia e, por conseguinte, a legislação que expressa este desenvolvimento favorecem a passagem molecular dos grupos dirigidos para o grupo dirigente (GRAMSCI, 2000, p. 287).

A passagem molecular seria a adesão moral e ideológica do homem-massa aos determinantes econômicos sob os princípios da soberania burguesa sobre o Estado, que no "governo moderno nada mais é que um comitê que administra os negócios comuns de toda a classe burguesa" (MARX, 2008, p. 48). O método para tal está na reforma cultural inexorável da reforma econômica. "Mais precisamente, o programa de reforma econômica é exatamente o modo concreto através do qual se apresenta toda reforma intelectual e moral" (GRAMSCI, 2000, p. 19).

Se todo Estado tende a criar e a manter um certo tipo de civilização e de cidadão (e, portanto, de convivência e de relações individuais), tende a fazer desaparecer certos costumes e atitudes e a difundir outros, o direito será o instrumento para esta finalidade (ao lado da escola e de outras instituições e atividades) e deve ser elaborado para ficar conforme a tal finalidade [...]. O direito é o aspecto repressivo e negativo de toda atividade positiva de educação cívica desenvolvida pelo Estado (GRAMSCI, 2000, p. 28).

Para que isto se materialize é essencial a coadunação dos entes superestruturais e a atuação dos aparelhos privados de hegemonia<sup>9</sup> que, segundo Gramsci (2000), consolidam a organicidade inexorável da atuação dos intelectuais orgânicos e tradicionais para a geração

---

<sup>9</sup> Segundo Gramsci (1978; 2000), suas ações ocorrem por meio das organizações-associações privadas circunscritas a elaboração e difusão dos valores societários e ético-políticos da burguesia, relacionados à imprensa, partidos políticos, instituições religiosas, etc.

e gestão da coesão-consentimento ao projeto hegemônico, sendo estas criadas pela adesão voluntária dos agentes sociais, formando o bloco ideológico.

O bloco ideológico é fator de hegemonia sob um duplo aspecto, num sistema realmente hegemônico: por um lado em seu próprio seio, na medida em que os representantes da classe dirigente orientem os de outros grupos sociais e sobretudo, por outro lado, a nível do bloco histórico, permitindo à classe dirigente controlar, por intermédio do bloco ideológico, outras camadas sociais (PORTELLI, 1977, p. 67).

Ao longo do processo histórico podemos identificar suas ações por meio das organizações/associações privadas<sup>10</sup> circunscritas a elaboração e difusão dos valores societários e ético-políticos da burguesia relacionados à imprensa, partidos políticos, instituições religiosas, escolas, etc., responsáveis pela cimentação da ideologia da classe dominante para a construção-manutenção do consentimento e do consenso ativo e passivo ao projeto hegemônico.

Para o equilíbrio-manutenção da hegemonia o Estado deve tomar como objetivo primordial a superação de sua forma-monopólio coerção para a garantia da coesão social, contando com a *solidariedade* da classe burguesa e de frações significativas da sociedade civil, principalmente dos seus aparatos ideológicos<sup>11</sup>. Logo, a hegemonia advém da relação ideológica entre a estrutura e a superestrutura, sendo concebida por Marx, segundo Gruppi (1978, p. 4), como determinada pela primeira e materializada pela segunda pois, para Gramsci (2000), a própria realização de um aparato de direção, diga-se Estado, tem como finalidade a criação do terreno ideológico para a reforma das consciências por meio da imbricação filosofia-política. Portanto, a hegemonia “refere-se por vezes à

---

<sup>10</sup> O sentido de privado aqui não se refere literalmente às organizações com fins lucrativos, comerciais, etc., mas qualquer associação alocada na sociedade civil.

<sup>11</sup> “No modo de produção capitalista, é condição para que as classes dominantes possuam, além de domínio, funções e papéis de direção, num tempo histórico como este de universalização da cidadania, que sua concepção de mundo seja generalizante, fazendo parte inclusive do senso comum das massas. Por definição, o lugar onde se produz esse efeito de generalização são as instituições sociais, em particular as especializadas na vida valorativa, que por isso fazem parte de modo privilegiado da arena onde se confrontam as classes sociais” (GRUPPI, 1978, p. XIV).

capacidade dirigente, enquanto outras vezes pretende referir-se simultaneamente à direção e à dominação" (GRUPPI, 1978, p. 11) por meio da unidade entre a teoria e a ação, da conquista de alianças para fornecer à ideologia dominante uma base social, gerando a organicidade do bloco histórico.

### O bloco histórico e as considerações finais.

No pensamento gramsciano a totalidade das relações sociais de produção se traduz no conceito de bloco histórico, "isto é, unidade entre a natureza e o espírito (estrutura e superestrutura), unidade dos contrários e dos distintos" (GRAMSCI, 2000, p. 26). Este conceito, considerado por Bobbio (1999) e Portelli (1977) como central no pensamento de Antonio Gramsci, designa não um artefato conjuntural, mas orgânico e pertinente à essência hegemônica em sua totalidade; ou seja, "uma situação histórica global, que compreende tanto o elemento estrutural quanto o superestrutural" (BOBBIO, 1999, p. 63). A relação entre a estrutura e a superestrutura seria o fator vital para a materialização da organicidade de uma organização social concreta, tendo como protagonismo o papel dos intelectuais enquanto funcionários da superestrutura – no sentido posto estes seriam os "comissários do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político" (GRAMSCI, 1984, p. 14).

A relação entre esses dois momentos do bloco histórico é uma relação dialética entre dois momentos igualmente determinantes: o momento estrutural, pois ele é a base que engendra diretamente a superestrutura, que no início é apenas o seu reflexo; durante o período considerado, a superestrutura só poderá desenvolver-se e agir entre limites estruturais bem precisos: assim, a estrutura influi constantemente sobre a atividade superestrutural. O momento ético-político desempenha de qualquer modo, em função dessa base, um papel motor. É ele que desenvolve a consciência de classe dos grupos sociais, que os organiza política e ideologicamente; no seio da superestrutura, então, desenrola-se o essencial do movimento histórico e a estrutura torna-se o instrumento da atividade superestrutural. A fraqueza ou importância dessa

última podem, inclusive, limitar a evolução da estrutura, seja mantendo o antigo bloco histórico, seja não superando o nível trade-unionista da correlação de forças (PORTELLI, 1977, p. 56).

Em convergência ao exame de Portelli (1977) sobre as possíveis determinações no seio do bloco histórico, principalmente da estrutura sobre a superestrutura, Bianchi (2007, p. 36) nos alerta em dois sentidos. O primeiro se refere à categorização interpretativa no/do pensamento gramsciano como eminentemente superestrutural dialeticamente determinado pela estrutura, o que seria um equívoco interpretativo em sua concepção. A segunda questão ressaltada pelo autor é a elucubração de Antonio Gramsci ao explicar as bases da crise de 1789 na França, que apesar de viver plena estabilidade econômica vivenciou a ofensiva sobre o Estado Absolutista. Portanto, o conceito de bloco histórico busca analisar a realidade pela unidade diversa e indissociável entre a estrutura e a superestrutura, sendo a primeira determinante sobre a segunda, ou não.

Sob a perspectiva analítica traçada, e após o estabelecimento do quadro teórico-metodológico do presente ensaio com o objetivo de explicitar epistemologicamente as vicissitudes do seu método, concluímos que para a análise crítica dos movimentos do capital em sua face aparente é irremediável sua leitura orgânica instrumentalizada por conceitos e categorias que propiciem a abstração do concreto que "independe de nossa vontade" para vislumbrarmos a práxis. No caso da ciência geográfica, e por razões salutares à sua relevância para a formação humana, pensar o espaço requer objetivamente rever sua aparência por meio do desvelo da essência mediado por conceitos e categorias não inertes-imutáveis, mas em movimento como o mundo-e-a-vida.

## Referências

BENOIT, Hector; ANTUNES, Jadir. *O problema da crise capitalista em o capital de Marx*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

BIANCHI, Alvaro. Estratégia do contratempo: notas para uma pesquisa sobre o conceito gramsciano de hegemonia. *Cadernos Cemarx*, v. 1, n. 4, 2007.

BOBBIO, Norberto. *Ensaio sobre Gramsci e o conceito de sociedade civil*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COUTINHO, Carlos Nelson. *A dualidade de poderes: Estado, revolução e democracia na teoria marxista*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

COUTINHO, Carlos Nelson. *De Rousseau a Gramsci: ensaios de teoria política*. São Paulo: Boitempo, 2011.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. São Paulo: Círculo do livro, 1984.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere: volume 3: Maquiavel, notas sobre o estado e a política*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere, volume 3: Maquiavel. Notas sobre o estado e a política*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere, volume 1: Introdução ao estudo da filosofia, a filosofia de Benedetto Croce*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000.

GRUPPI, Luciano. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LACOSTE, YVES. *A geografia-isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Papyrus, 1993.

LEFEBVRE, Henri. *Lógica formal/lógica dialética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

LÖWY, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. São Paulo: Busca Vida, 1987.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MARX, Karl. *Crítica à filosofia de direito de Hegel*. São Paulo: Editora Boitempo, 2005.

MARX, Karl. *O capital: crítica de economia política*. Volume III. São Paulo: Civilização Brasileira, 2007.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. Boitempo Editorial, 2015.

MENDONÇA, Sonia Regina de. O Estado ampliado como ferramenta metodológica. 2014. *Marx e o Marxismo*, v.2, n.2, jan/jul 2014.

MÉSZÁROS, *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MOREIRA, Ruy. *O discurso do avesso: para a crítica da geografia que se ensina*. São Paulo: Contexto, 2014.

PAULO NETTO, José. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PORTELLI, Hugues. *Gramsci e o bloco histórico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da Práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

# POLÍTICA, RACISMO E FOME EM QUARTO DE DESPEJO DE CAROLINA MARIA DE JESUS

## POLITICS, RACISM AND HUNGER IN CAROLINA MARIA DE JESUS' DUMP ROOM

Mariana de Souza Santos  
Graduanda em Geografia - (UERJ - FFP)  
Felipe Moura Fernandes  
Prof. Adjunto - (UERJ/FFP)  
Igor Marins Dinelly Pessoa  
Graduando em Geografia - (UERJ/FFP)  
Igor Rodrigues Rego Sankuevitz Cruz  
Graduado - (UERJ/ FFP)  
Patrícia Mattos da Cruz Filgueiras  
Graduanda Geografia - (UERJ/ FFP)

### Resumo:

O texto é resultado de um ano de pesquisa no programa Prodocência (UERJ) durante o biênio 2022-24. O programa tem a finalidade de fornecer subsídios para a continuidade da pesquisa em uma determinada área/tema e promover desdobramentos na formação do professor/pesquisador. Nesse momento, pretendemos demonstrar um tratamento inicial dos temas da política, do racismo e da fome a partir da leitura da obra Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus. Entendemos que a abordagem desses temas a partir da literatura pode contribuir para a composição de um "quadro geográfico" (Gomes, 2017) onde destacaremos a questão da habitação. No que diz respeito a orientação teórica e metodológica vale destacar que não tratamos a literatura como simples "objeto" de pesquisa, mas atribuímos a mesma o caráter de "sujeito". Isso significa que a literatura não é geográfica porque possui um conteúdo geográfico em relação a realidade (montanhas, chuvas, lagos, entre outros), mas por apresentar um pensamento geográfico "em si" (Brosseau, 2007).

**Palavras-chave:** Geografia; Literatura; Política; Racismo; Fome.

REVISTA FLUMINENSE DE GEOGRAFIA	Niterói (RJ)	Vol. 4, n. 1, jan-jun 2024	e-ISSN: 1980-9018
------------------------------------	--------------	----------------------------	-------------------

**Abstract:**

The text is the result of a year of research in the Prodocência program (UERJ) during the 2022-24 biennium. The program aims to provide subsidies for the continuity of research in a given area/theme and promote developments in the training of teachers/researchers. At this point, we present an initial treatment of the themes of politics, racism and hunger based on a reading of the work *Quarto de Despejo* by Carolina Maria de Jesus. We understand that approaching these themes from literature can contribute to the composition of a "geographical framework" (Gomes, 2017) where we will highlight the issue of housing. With regard to theoretical and methodological orientation, it is worth highlighting that we do not treat literature as a simple "object" of research, but we attribute it the character of "subject". This means that literature is not geographic because it had geographic content in relation to reality (mountains, rain, lakes, among others), but because it presents geographic thought "in itself" (Brosseau, 2007).

- O que você veio fazer aqui? - Eu vim Cantar!
- Me diz uma coisa, de que planeta você veio?
- Do mesmo planeta seu Seu Ary.
- E qual é o meu planeta?
- Planeta fome!

Diálogo de Elza Soares  
com Ary Barroso (Anos 50)

## Introdução

O período histórico que vai de 1945 a 1964 apresenta características interessantes para além de ser, em uma avaliação retrospectiva, um intervalo entre a ditadura varguista do Estado Novo (1937-45) e a ditadura estabelecida pelos militares através do golpe civil e militar (1964-85). Nesse tempo de "experiência democrática" (Ferreira e Delgado, 2003) houve a atuação de intelectuais junto ao estado brasileiro com intuito de "modernizar" o país e resolver problemas candentes, tais como, a "desigualdade social", o intenso "fluxo migratório" do nordeste para sudeste, o crescimento das cidades acompanhando a desigualdade preexistente, a favelização, as grandes taxas de analfabetismo, entre outros. No aspecto geral, intelectuais de diferentes áreas e formações se envolveram em ações políticas que tinham como objetivo combater os problemas em questão. Entre eles, podemos citar Paulo Freire com o seu método de alfabetização de adultos e Celso Furtado com as superintendências que tinham como objetivo diminuir a desigualdade regional no país. O contexto também é o da construção de Brasília, planejada por arquitetos como Lúcio Costa e Oscar Niemeyer durante o governo de Juscelino Kubitschek. A construção da cidade, no planalto central, revela um plano ousado e um delírio modernista. Também é desse momento, o movimento cultural que tem como precursor o músico João Gilberto, a Bossa Nova. O Brasil parecia ficar cada vez mais consciente de si e o estado democrático parecia se desenvolver, enfim, havia um certo clima de otimismo. Nesse caldo cultural, político e socioeconômico foi permitido ao jornalista Audálio Dantas descobrir, na segunda metade da década de 1950, na Favela do Canindé, a migrante, mulher, negra e escritora Carolina Maria de Jesus. Nesse momento, Carolina Maria já escrevia seu diário desde 1955 e o encerra no dia "1 de janeiro de 1960" para publicá-lo em

livro no mesmo ano. O diário que se tornou o livro *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus (2014), faz uma narrativa a contrapelo do discurso de otimismo e demonstra a dura realidade de uma mulher negra e favelada que cria sozinha os seus três filhos: João José, nascido em 1948, o pai era um marinheiro português; José Carlos nascido em 1950, o pai era espanhol e Vera Eunice, o pai era dono de fábrica e comerciante. A geografia revelada pela autora em seu diário, dentro do contexto histórico esboçado, revela um Brasil que os “brasileiros” se negavam a ver em meio aos outros acontecimentos.

O objetivo preliminar desse texto é identificar como a dimensão da política, da fome e do racismo compõem um “quadro geográfico” (Gomes, 2017) de entendimento da realidade vivida por Carolina Maria de Jesus e como esse quadro está registrado em seu livro *Quarto de Despejo*. Junto disso, compreender a contrapelo como a desigualdade (fome, racismo e política) era um fenômeno estrutural presente na geografia urbana do Brasil, tendo como foco a cidade de São Paulo e a Favela do Canindé. Logo depois do lançamento, a favela denunciada no livro será removida, o que demonstra a ausência das políticas públicas de habitação em relação aos mais pobres. Entender como o racismo compõe uma ou mais das possíveis visões que a sociedade tem sobre Carolina Maria e seu livro, assim como também ajuda a compreender o olhar que a autora possuía sobre a sociedade. Sem dúvida a autora sofre racismo, mas a mesma não deixa de deslindar comentários pejorativos em relação aos nordestinos, caracterizados genericamente como “baianos”. Junto disso, perceber como o contexto histórico e político é fundamental para analisar a obra e compreender a sua riqueza, assim como, contribui para a compreensão do tempo presente. Como produto final da pesquisa, pretendemos fazer um atlas da obra *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus. Iniciamos uma cartografagem das moradias da escritora, desde Sacramento, em Minas Gerais, até São Paulo (Canindé, Santana, Parelheiros) tendo como base os livros: *O Quarto de Despejo* e a biografia de José Rufino dos Santos: *Uma Escritora Improvável*.

No que diz respeito a metodologia, realizamos um levantamento bibliográfico que compreende três campos. A crítica que tardiamente começa a envolver a produção de Carolina Maria de Jesus, entre eles, a biografia escrita por Joel Rufino (2009) *Carolina*

Maria de Jesus: uma escritora improvável e a coletânea de textos organizada por Aline Arruda, Iara Barroca e Luana Tolentino (2022), *Carolina Maria de Jesus: percursos literários*. Em relação ao primeiro livro destacamos duas questões iniciais: primeiro o fato de o autor considerar Carolina Maria de Jesus uma escritora improvável, já desde o título. Por que Carolina é uma escritora improvável? Por ser mulher, negra, favelada, catadora de papel e mãe solteira de três filhos? Esses fatores a tornam uma escritora improvável ou o fato dela não se encaixar nos moldes de crítica da esquerda da época? Até que ponto o improvável é uma dificuldade formativa do autor da biografia (Joel Rufino) ou uma questão da própria Carolina Maria de Jesus? Junto desse ponto, o livro traz importantes informações contextuais, como, por exemplo, o fato de Carolina não ser bem-vista por alguns setores progressistas. O segundo livro, ainda está sendo alvo de nossa leitura e análise, mas já salta os olhos o fato de a maior parte das autoras serem mulheres e essa informação permite um contra ponto com a biografia de Joel Rufino, um autor homem.

Do ponto de vista da Geografia, estamos fundamentados em Moraes (2008), Gomes (2017), Moreira (2011) e Fernandes (2012). Tendo como base esses autores, podemos afirmar que a ciência geográfica institui uma modalidade do geográfico. No entanto, o "pensamento geográfico" é mais amplo que a ciência geográfica, em outros termos, o geográfico pode estar presente na literatura, nas artes plásticas, na cartografia, em vários tipos de conhecimento ligados a arte e a ciência. Para contemplar a dimensão do contexto e da política, estamos utilizando o livro organizado por Ferreira e Delgado (2003) e o trabalho da filósofa Hanna Arendt (2002); para apoiar as reflexões sobre racismo o texto de Michel Wieviorka (2007), por último, mas não menos importante, estamos estudando o livro *Geografia da Fome* do médico e geógrafo Josué de Castro (2022).

## A pólis, a política e a palavra

*Eu não tinha um tostão para comprar pão.*  
Carolina Maria de Jesus. 2014, p.10

O Quarto de Despejo mostra a realidade de uma mulher, negra, solteira, favelada e mãe de 3 filhos: Vera Eunice, João José e José Carlos. Todos vivem em um barraco na favela as margens do Rio Tiête.

Vários trechos do livro demonstram a precariedade das condições dos moradores do Canindé. "Levantei. Obedeci a Vera Eunice. Fui buscar água" (JESUS 2014, p.10). A favela só dispunha de uma bica para fornecer água aos moradores e situações como essa se repetiam com grande frequência, a água era o elemento de sociabilidade da comunidade.

Uma mãe que destoa das demais mães da favela visto que ela está sempre lendo, escrevendo, trabalhando e protegendo seus filhos das adversidades. Do ponto de vista objetivo, podemos destacar a insegurança alimentar, a falta de água, de saúde pública e de saneamento. Do ponto de vista subjetivo observamos a inveja e as represálias dos vizinhos em relação ao seu modo de vida, essa questão fica evidente na forma como Carolina encara a criação dos filhos e sua subsistência, sem marido.

Durante a escrita desse diário a autora faz abordagens críticas de temas como, a fome, a conjuntura política e a questão racial. Porém, no decorrer dessa seção iremos nos debruçar, brevemente, sobre a conjuntura política que o diário foi escrito. Acrescentando o que já foi dito na introdução.

Segundo a filósofa Hannah Arendt (2002) a política está presente em todos os lugares, até mesmo na organização familiar onde existe uma hierarquia, na qual, os filhos estão subordinados aos pais. Carolina (2014), por exemplo, usa de todos os subterfúgios possíveis para que seus filhos não passem dificuldades por conta de seu trabalho de catadora, exige que eles estudem e ao mesmo tempo se divirtam - construindo um balanço em seu quintal - esses direitos foram consagrados no Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) algumas décadas depois.

De acordo com Hannah Arendt (2002 p.7):

A política trata da convivência entre diferentes. Os homens se organizam politicamente para certas coisas em comum, essenciais num caos absoluto, ou a partir do caos absoluto das diferenças. Enquanto os homens

---

<sup>1</sup>A edição do livro Quarto de Despejo (2014) utilizado na elaboração desse artigo mantém a marca da oralidade presente na escrita de Carolina Maria de Jesus. Entendemos que a manutenção dessa característica da escrita é um importante marcador social e uma transposição da oralidade da época transmitida para a escrita, difícil de ser resgatada nos tempos atuais. Nesses termos, compreendemos os erros para além de uma questão gramatical.

organizam corpos políticos sobre a família, em cujo quadro familiar se entendem, o parentesco significa, em diversos graus, por um lado aquilo que pode ligar os mais diferentes e por outro aquilo pelo qual formas individuais semelhantes podem separar-se de novo umas das outras e umas contra as outras...

As ponderações da filósofa nos fornecem subsídios de como a micropolítica está presente no convívio familiar de Carolina Maria de Jesus, onde a educação, a moradia e a alimentação nunca deixou de ser um horizonte de luta e de sobrevivência para a autora, seus filhos e sua filha. Vale destacar que muitos dos direitos básicos que Carolina lutava para garantir estavam previstos em lei, mas não são implementados pelo estado brasileiro para a população pobre, ainda mais quando se trata dos negros descendentes de escravos.

A “política” de acordo com a definição do Dicionário Michaelis<sup>2</sup> é a arte ou a ciência de governar. Pensando o texto e o contexto de Carolina Maria podemos afirmar que essa definição é contraditória, uma vez que a autora denuncia a falta de políticas públicas e a falta de auxílio as populações mais vulneráveis. O “populismo” por parte dos governantes estabelece uma relação “clientelista” com essa parte da população.

A filósofa Hannah Arendt destaca o preconceito que as pessoas possuem pela política: “Quando se quer difundir preconceitos, é preciso sempre descobrir primeiro o juízo anterior neles contido, ou seja, identificar seu conteúdo original de verdade” (ARENDR, 2002, p.11). A avaliação que Carolina Maria fazia de alguns políticos, evidencia um juízo preliminar, no entanto, não deixava de ter um lastro de “verdade”. Essa reflexão fica evidente no seguinte trecho: “Quando uma senhora perguntou-me o que acho do Carlos Lacerda, respondi conscientemente: - Muito inteligente. Mas não tem educação. E um político de cortiço. Que gosta de intriga. Um agitador” (JESUS, 2014, p.12).

O trecho citado abaixo destaca o contexto político do país na época de Carolina Maria de Jesus e no tempo da escrita do seu diário. O período é reconhecido como democrático (1945-1964) onde, do

---

<sup>2</sup> Dicionário Michaelis On-Line, disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/pol%C3%ADtica/> Acessado em: 13/07/2023.

ponto vista formal, predominaria o poder do povo com liberdade política para escolher seus representantes (sistema eleitoral).

Segundo Gomes e Ferreira (2018, p.256):

A explicação do que acontecia no Brasil (e na América Latina), portanto, tinha razões macrossociais, já que o país vivia uma fase de transição, deixando de ser uma sociedade atrasada e rural, para se tornar uma moderna sociedade urbano-industrial, estando marcada pelo fenômeno das migrações do campo para a cidade. Uma análise orientada por categorias dualistas, que opunham um conjunto de pares (rural x urbano; atrasado x moderno; agrário x industrial etc.) e buscavam o desenvolvimento do país. Era essa situação histórico-sociológica que criava condições para um estilo de governo e de liderança chamados de "populista". Tratava-se de uma interpretação de cunho estrutural, que abarcava variáveis socioeconômicas de grande escala (explicando a política pelos interesses econômicos), derivando o comportamento dos atores políticos – sobretudo o comportamento eleitoral – como delas decorrente. Em outros termos, era por tais razões que os eleitores (que ainda não sabiam votar) eram facilmente conduzidos por líderes carismáticos, com poder de mobilização, mas sem projetos políticos, até porque não possuíam compromissos partidários. É esse tipo de interpretação que esclarece a centralidade de procedimentos que devolvessem aos atores políticos – coletivos e individuais – suas margens de autonomia, assim como a identificação do populismo como uma espécie de mal maior, capaz de concentrar e tornar visíveis as falhas, insuficiências etc. de nosso sistema político entre 1945/64.

Durante esse período tivemos 5 presidentes, Eurico Gaspar Dutra, Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart. Porém são citados pela autora nesse trecho do diário o ex-governador do Estado de São Paulo, Adhemar de Barros e os ex-presidentes Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros.

A escritora Carolina Maria (2014, p.25) pondera sobre o quadro político brasileiro:

—É que eu tinha fé no Kubstchek.  
—A senhora tinha fé e agora não tem mais?  
—Não, meu filho. A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia.  
...Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido.

Ainda nas palavras de Carolina (2014, p.45):

..., mas eu já observei os nossos políticos. Para observá-los fui a Assembléia. A sucursal do Purgatório, porque a matriz é a sede do Serviço Social, no palácio do Governo. Foi lá que eu vi ranger de dentes. Vi os pobres sair chorando. E as lágrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, um expectador que assiste e observa as tragédias que os políticos representam em relação ao povo.

Durante seus relatos, percebemos que Carolina "dribla" as adversidades com muita força de vontade no intuito de ver os filhos em uma situação melhor do que se encontram. Estes fragmentos possuem um teor bem crítico por acentuar a falta de sensibilidade por parte dos nossos governantes ao "cuidar e proteger" da população mais pobre. Na desigualdade, o "cuidado" é "seletivo" e essa "seletividade" não deixa de ser avaliada criticamente por Carolina Maria (2014, p.25).

(...) disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas têm mais possibilidades de delinquir do que tornar-se útil a patria e ao país. Pensei: Se ele sabe disto, porque não faz um relatório e envia para os políticos? O senhor Janio Quadros, o Kubstchek e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades. ...*O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome*<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Grifo nosso.

Este trecho demonstra a necessidade de eleger políticos que tenham um olhar mais sensível para a população pobre, com o objetivo de diminuir a desigualdade social, principalmente, no que diz respeito aos bens mais elementares da nossa existência.

### **Racismo da carne na pedra**

*A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra.  
E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu.  
A minha até aqui tem sido preta. Preta é minha pele. Preto é o lugar onde eu moro.*  
Carolina Maria de Jesus. 2014, p.144.

No diário, Carolina traz um recorte da sua vivência e ao decorrer do livro é evidente a sua consciência racial onde faz denúncias aos diferentes tipos de preconceito presentes naquele momento. Principalmente o racismo, que o sociólogo Michel Wieviorka (2007, p.9) diz que:

(...) consiste em caracterizar um conjunto humano pelos atributos naturais, eles próprios associados às características intelectuais e morais que valem para cada indivíduo dependente desse conjunto e, a partir disso, pôr eventualmente em execução práticas de inferiorização e de exclusão.

Entendemos que essa definição atravessa e coincide diretamente com o cotidiano de Carolina. A escritora traz momentos em que os “brancos” se fazem importantes para a vida dos pretos: “Conversei com uma senhora que cria uma menina de cor. E tão boa para a menina...Lhe compra vestidos de alto preço. Eu disse:— Antigamente eram os pretos que criava os brancos. Hoje são os brancos que criam os pretos”(JESUS, 2014, p.21). Nesse trecho podemos observar que mesmo após 72 anos da abolição da escravatura, a relação de subserviência entre brancos e negros não ficou para trás em nossa história, tanto que está presente e denunciado no diário de uma mãe da periferia de São Paulo.

Por conta dessa mesma herança racista vigente no país, Carolina (2014, p.26) relata:

Hoje amanheceu chovendo. E um dia simpático para mim.  
E o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação  
dos escravos.

...Nas prisões os negros eram os bodes espiatórios. Mas os  
brancos agora são mais cultos. E não nos trata com  
desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos  
sejam feliz.

E nesse momento já conseguimos pensar na ideia do território<sup>4</sup>  
comandado por "brancos", pois passa uma impressão que essa  
felicidade dos "negros", ou até certa paz, só serão garantidas se os  
"brancos" quiserem. Os "brancos" concentram o "poder".

Ao decorrer da obra, Carolina Maria traz momentos onde  
questiona a diferença entre pretos e brancos. O porquê que ela, por  
ser uma mulher preta, não poderia escrever: "Eu escrevia peças e  
apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: —É pena você  
ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu  
cabelo rústico" (JESUS.2014, p.55). Devido ao preconceito racial  
pessoas pretas são induzidas ao não pertencimento de posições que  
podem ser suas, como, por exemplo, Carolina Maria que é uma  
escritora muito sensível e pertinente nas suas obras, mas que em sua  
realidade é induzida a pensar que não pertence a essa categoria, não  
pode pertencer, não é digna. Após isso, ela questiona a gritante  
superioridade dos brancos na sociedade: "O branco é que diz que é  
superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe  
pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o  
branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não  
seleciona ninguém" (JESUS. 2014, p.55).

Pessoas "brancas" são colocadas em posições de privilégio pela  
suposta "dignidade" que a cor da pele "branca" carrega e essas ideias  
foram impostas pelos próprios "brancos". O preto é sempre o outro/a  
e nunca o capaz ou digno de assumir posições importantes  
socialmente que também podem ser suas. Nesse sentido, a escritora  
Grada Kilomba (2008, p.54) é assertiva ao dizer: "Devido ao racismo,  
pessoas negras experienciam uma realidade diferente das brancas e,  
portanto, questionamos, interpretamos e avaliamos essa realidade de  
maneira diferente".

---

<sup>4</sup> Ver: SANTOS, Milton. O Retorno do Território. In: *Observatório Social da América Latina*. Ano 6 n°16  
( Jun.2005). Buenos Aires: CLACSO, 2005.

No documentário *Racionais: Das Ruas de São Paulo pro Mundo*<sup>5</sup>, o Dj Kl Jay, da zona norte de São Paulo, diz que os pretos estão em território inimigo. Análogo a isso, na década de 50, Carolina Maria também nos apresenta a ideia, a partir do recorte em que vive, de uma sociedade controlada por brancos e ressalta quando diz: “Enfim, o mundo é como o branco quer. Eu não sou branca, não tenho nada com estas desorganizações” (JESUS, 2014, p.60). A ausência de políticos e consequentemente de políticas públicas para pessoas negras e periféricas também aparece no Diário, e isso contribuía para o fortalecimento do território em sua dimensão subjetiva e objetiva dominada pelos brancos. A visão política de Maria é muito presente em toda a obra, e a falta de representantes para suas causas tornava quase impossível a esperança em dias melhores.

A desigualdade racial é algo latente na sociedade e ainda no início do texto a escritora apresenta isso enraizado em sua vivência. No entanto, as narrativas de Carolina Maria (2014, p.66) reproduzem julgamentos pejorativos contra os nordestinos:

O baiano esposo de dona Zefa é meu vizinho e veio queixar-se que o José Carlos lhe aborrece. O que eu sei é que com tantos baianos na favela os favelados veteranos estão mudando-se. Eles querem ser superior pela força. Para ficar livre deles os favelados fazem um sacrifício e compram um terreno e zarpam-se.

Carolina se refere aos nordestinos como baianos, o que já os generaliza. Mas também acaba estereotipando-os como agressivos e que só falam em peixeiras<sup>6</sup> e isso reforça a ideia estrutural do preconceito, sendo ele enraizado na sociedade. Mesmo que Carolina exponha ao longo do seu diário o seu descontentamento em relação à discriminação racial que é presente em sua vida, de forma contraditória, ela pratica uma discriminação de caráter regional em relação aos nordestinos. As ambiguidades em suas falas e atitudes a coloca em posição de humanidade, o que não justifica a utilização de termos pejorativos, mas entende-se que Carolina é uma pessoa em sociedade e que apesar de ter uma grande consciência racial, ela também pode fazer julgamentos pejorativos e ou preconceituosos.

---

<sup>5</sup> *Racionais: Das Ruas de São Paulo Pro Mundo*. Preta Portê Filmes. 2022.

<sup>6</sup> Faca para cortar peixe; faca muito comprida e afiada, que serve de arma.

Pode-se perceber também uma sensibilidade e inclinação de Carolina (2014, p.103) para o cristianismo, uma perspectiva que contribuiu com a constituição do colonialismo.

O preto é perseguido porque a sua pele é da cor da noite.  
E o judeu porque é inteligente. Moisés quando via os judeus descalços e rotos orava pedindo a Deus para dar-lhe conforto e riquezas. É por isso que os judeus quase todos são ricos. Já nós os pretos não tivemos um profeta para orar por nós.

Pensamento este construído por sua formação religiosa fundamentada nas religiões cristãs, refletindo uma carga de apagamento das religiões de matrizes africanas, que pouco legitima pessoas pretas como lideranças políticas e religiosas.

O juízo de Carolina Maria de Jesus sobre as outras religiões demonstram a sua alienação em relação às religiões africanas e o não reconhecimento da sua importância na constituição da cultura brasileira. Os valores estabelecidos pela autora nos remetem ao processo de tentativa de branqueamento da população brasileira. Essa política foi estabelecida pelo Estado na virada do século XIX-XX durante a Primeira República (1881-1930). Uma observação sumária desse processo pode ser percebida nas artes plásticas através da tela "A Redenção de Cam" de Modesto Brocos feita em 1895.



Fonte: <https://journals.openedition.org/artelogie/5242>

A tela apresenta uma família que passou pelo processo de miscigenação entre o negro e o branco, onde pode ser notado, da esquerda para direita, uma senhora negra retinta com as mãos para cima e olhando para o céu, remetendo a um gesto de agradecimento, ao lado de mulher mais clara, supostamente sua filha, segurando um bebê branco e acompanhada de um homem branco, provavelmente pai da criança.

A partir da pintura, podemos interpretar que o processo de embranquecimento era uma dádiva e um alívio para pessoas negras, já que não carregariam mais “a maldição de Cam” para a próxima geração da família, pois teriam a pele mais clara. A maldição de Cam é uma das narrativas que o cristianismo europeu usava para justificar a escravização de negros africanos. Logo, o objetivo era alcançar a pele branca e se libertar desse estigma. O branqueamento não contribuiu apenas para o apagamento dos fenótipos negros, mas também da cultura negra, como a religião, por exemplo. Diante dessa lógica, perpetuou-se o racismo na sociedade, estabelecendo que o branco é melhor, sua cultura e religião também.

Os relatos de Carolina Maria, da década de 1950, faz refletir e pensar na contemporaneidade, como a favela segue sendo um lugar

com precariedades semelhantes com as da época da autora. A carência de saneamento básico, a dificuldade com transporte e lazer, reforça uma realidade muitas vezes difícil nas comunidades e periferias. Mas, ainda assim, podemos afirmar que a favela é um “território” onde se sofre e sonha (SANTOS, 1999).

Ao fim da obra, Carolina Maria (2014, p.144) traz uma reflexão sobre a vida:

A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro.

Também oriundo da Zona Norte de São Paulo, o cantor Emicida (1985-) traz em sua canção Mufete<sup>7</sup>, um sentido contrário a citação, presente no verso: “ligue a pele preta a um riso contente”. Apesar dos avanços das ações afirmativas e das políticas antirracistas, o racismo continua encruado na subjetividade social brasileira, por isso, ainda se associa pretos a algo ruim e se estabelece uma conexão direta entre os pretos e a favela como sendo uma coisa só, sendo preta a pele e o lugar em que mora.

## Carne, pedra e fome

*O Brasil precisa ser dirigido por uma  
pessoa que já passou fome.*  
(Carolina Maria de Jesus, 2014.p.25)

Em 1946, dois anos antes de Carolina ser deslocada para o Canindé, A Geografia da Fome foi publicada. A importante obra de Josué de Castro (2022), notável médico, pesquisador e intelectual, retrata a fome como um fenômeno social complexo, de dimensões mundiais, como um indicador que possibilita a compreensão de um determinado território, conectando e analisando fatores sociais, culturais e econômicos.

---

<sup>7</sup> Emicida. Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa. Laboratório Fantasma. 2015.

Ao "cartografar" a fome, quatorze anos antes de Quarto de Despejo, o autor perpassa múltiplos campos disciplinares e traz uma visão ampliada do objeto estudado, como um efeito complexo de diferentes causas, que se convergem.

Nas palavras de Josué de Castro (2022, p.42):

(...) a fome coletiva é um fenômeno social bem mais generalizado. É um fenômeno geograficamente universal, não havendo nenhum continente que escape à sua ação nefasta. Toda a terra dos homens tem sido também até hoje terra da fome.

O livro de Carolina Maria de Jesus relata o cotidiano no Canindé, sob perspectiva e descrição de uma mulher favelada, negra, mãe solteira de três filhos e migrante numa cidade que se reestrutura de acordo com os anseios da "elite" local, formada por banqueiros, industriais e oligarcas do café.

A escritora disserta sobre os dilemas do "Quarto de Despejo" e expõe os efeitos de uma vida impactada pelo objeto de estudo de Josué de Castro, a fome. O sofrimento corriqueiro da autora fez com que ela atribuísse cor à fome: "amarela" como à bile regurgitada de um estômago vazio.

A percepção da autora tem raiz em sua infância, quando viveu em Sacramento, com o mínimo de dignidade, e insurge contra a forma como o governo ignora os remanejados para as condições insalubres do Canindé, o quarto do despejo. O cotidiano transcrito por Carolina (2014, p.28) dá materialidade à análise crítica de Josué de Castro: "Eu amanheci nervosa. Porque eu queria ficar em casa, mas eu não tinha nada para comer".

O Brasil forjou-se na espoliação de recursos, na exploração da força de trabalho: primeiro com a escravidão, depois com o desenvolvimento do modo de produção capitalista em sua estrutura desigual e combinada. Essas variáveis foram indispensáveis para amalgamar os pequenos grupos que se beneficiaram com a acumulação durante esses períodos e que se organizaram politicamente para manter a reprodução da desigualdade socioeconômica, uma contradição com a abundância dos recursos e a fertilidade do solo brasileiro.

Geografia da Fome de Josué de Castro (2022) mostra que seus delineamentos conceituais e propositivos continuam vivos e constituem instrumentos indispensáveis para repensar criticamente a realidade brasileira e, em particular, a da região nordeste. E Carolina Maria de Jesus, em seu diário, O Quarto de Despejo, mostra o dia a dia de sua família, composta por ela e seus filhos que vivenciam o descaso na favela do Canindé.

As obras de Josué (2022) e Carolina (2014) convergem e se complementam, subsidiam instrumentos que possibilitam dimensionar o tema em questão. A fome como objeto de investigação científica e a fome como um sofrimento contínuo de dimensões fisiológicas e psíquicas. O pesquisador de renome e a escritora "favelada" fornecem uma importante enciclopédia para a conscientização desse problema, que, historicamente, assola a sociedade brasileira e preocupa aqueles que se comprometem com as pautas dos Direitos Humanos.

A fome ainda é uma constante para muitos brasileiros. Erradicar a insegurança alimentar e a pobreza no país são grandes desafios para a sociedade. As obras de Josué de Castro e Carolina Maria de Jesus são fontes necessárias para a compreensão da realidade brasileira que precisa superar o problema da fome e reduzir o abismo social entre as classes. Para, enfim, emancipar outras Marias.

### Considerações Finais

A síntese textual apresentada contém o momento da pesquisa, entendemos que o possível diálogo com pares através da publicação é fundamental para o enriquecimento do nosso trabalho. Além disso, fazer os levantamentos bibliográficos, ler, sintetizar e produzir os seus próprios textos é um exercício base na formação do professor e do pesquisador. Cabe, novamente destacar, que feito esse exercício inicial vamos relacionar os temas da política, do racismo e da fome a questão da habitação com o objetivo de saber como a obra de Carolina Maria de Jesus pode revelar uma determinada geografia urbana da cidade de São Paulo, entre as décadas de 1950-60. Essa "geografia marginal" tem como ponto de partida a percepção de uma mulher, negra, favelada, catadora de sucata e mãe solteira de 3

filhos. Com a intenção de ilustrar nossas pretensões metodológicas é necessário dizer que o “lugar” não deixa de estar relacionado a “estrutura”. Assim, recorremos as palavras do geógrafo Milton Santos (1988, p.18) ao dizer que “(...) hoje, a geografia tende a ser cada vez mais a ciência dos lugares criados ou reformados para atender a determinadas funções, ainda que a forma como os homens se inserem nessa configuração territorial, seja ligada (...) à História do presente”. E arremata: “Se os lugares podem, esquematicamente, permanecer os mesmos, as situações mudam. A História atribui funções diferentes ao mesmo lugar”<sup>8</sup>. Dito isto, o texto evidencia os problemas sociais apontados pela autora e, ao cartografá-los, visamos extrapolar a dimensão literária e dialogar com uma linguagem comum a vários subcampos da Geografia – a Cartografia. A obra literária em análise dá subsídio para resgatar e fortalecer uma Geografia que reduz a sua escala de análise, mas sem perder o teor crítico.

Por fim, ao discorrer sobre o racismo, a fome e a política vigente durante o percurso da escrita de Carolina Maria de Jesus, estruturamos uma pesquisa que se propõe a resgatar a relevância dos problemas da sociedade da época, mas que permanecem nos dias atuais.

### Referências bibliográficas

ARENDDT, Hannah. *O que é política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

ARRUDA, Aline; BARROCA, Iara; TOLENTINO, Luana (Orgs.). *Carolina Maria de Jesus: percursos literários*. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei Federal 8.069, de 13 de julho de 1990*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

---

<sup>8</sup> Na continuidade, Milton Santos (1988, p.18) ensaia uma definição do conceito de “lugar”: “O lugar é um conjunto de objetos que tem autonomia de existência pelas coisas que o formam (...), mas que não tem autonomia de significação pois todos os dias novas substituem as antigas, novas funções se impõem e se exercem”.

BROSSEAU, Marc. *O Romance: outro sujeito para a Geografia* In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. *Literatura, Música e Espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007.

CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. São Paulo: Ed. Todavia, 2022.

FERNANDES, Felipe Moura. *A Geografia, o Geográfico e a Linguagem* In: *Terra Livre*. São Paulo/SP. Ano 28, V2, n.39, p. 149-162, Jul-Dez 2012.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GOMES, Angela de Castro; FERREIRA, Jorge. *Brasil, 1945-1964: uma democracia representativa em consolidação* In: *Locus: Revista de História*, Juiz de Fora, v.24, n.2, p.251-275, 2018.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. *Quadros Geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2014. Disponível em: <https://dpid.cidadeo.org.br/pde/arquivos/1623677495235-Quarto%20de%20Despejo%20-%20Maria%20Carolina%20de%20Jesus.pdf.pdf> Acessado em: 30 set. de 2023.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2008.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Território e História do Brasil*. São Paulo: Annablume, 2008.

MOREIRA, Ruy. *Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico*. São Paulo: Contexto, 2011.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Carolina Maria de Jesus- uma escritora improvável*. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2009.

SANTOS, Milton. O Retorno do Território. In: *Observatório Social da América Latina*. Ano 6 nº16 (Jun.2005). Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANTOS, Milton. *O chão contra o cifrão*. Folha de São Paulo, São Paulo, 28 fev.1999. Caderno Mais, p.5.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do Espaço Habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia*. Hucitec. São Paulo 1988.

WIEVIORKA, Michel. *O Racismo, uma introdução*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007.

### Documentário

*Racionais: Das Ruas de São Paulo Pro Mundo*. Preta Portê Filmes. 2022.

### Música

Emicida. *Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa*. Laboratório Fantasma. 2015.

### Sites

Quadro: *A redenção de Cam de Modesto Brocos (1895)*

<https://journals.openedition.org/artelogie/5242>

Acessado em: 13 de jul. de 2023.

Dicionário Michaelis On-Line. Disponível em:

<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/pol%C3%ADtica/>

Acessado em: 13 de jul. de 2023.

**OS FANZINES COMO RECURSO DIDÁTICO  
NO ENSINO DE GEOGRAFIA NO X FALA  
PROFESSOR(A) RIO DE JANEIRO 2023**

**FANZINES AS A DIDACTIC RESOURCE IN THE  
TEACHING OF GEOGRAPHY IN THE X FALA  
PROFESSOR(A) RIO DE JANEIRO 2023**

**Clézio dos Santos**

Professor Associado II de Ensino de Geografia do Departamento de Educação e Sociedade do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (DES/IM/UFRRJ), professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO/UFRRJ) e do Programa de Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc/UFRRJ), líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia (GEPEG/UFRRJ/CNPq) e sócio da AGB Rio de Janeiro. cleziogeo@yahoo.com.br

**Jefferson Oliveira de Paula**

Licenciado em Geografia pelo Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IMUFRRJ), mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO/UFRRJ), bolsista CAPES e pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia (GEPEG/UFRRJ/CNPq) jeffersonoliveiradepaula58@gmail.com

**Resumo:**

O diálogo com os professores e professoras de Geografia é fundamental para entendermos e efetivarmos a Geografia que acreditamos no dia a dia da sala de aula, uma geografia, que de fato, colabore para um projeto democrático de Brasil. O artigo tem como objetivo relatar a oficina *O Uso de Fanzines no Ensino de Geografia* que ocorreu no dia 6 de junho durante o X Encontro Estadual de Professores(as) de Geografia do Rio de Janeiro - Fala Professor(a) Rio de Janeiro 2023, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) - Maracanã. A oficina com fanzines no ensino de geografia se destaca como recurso didático para discutir diferentes temáticas relacionadas a geografia na escola. Dessa forma os/as oficinairos/as não só tiveram oportunidade de serem apresentados ao tema, como aprofundar e discutir o uso do fanzine na escola, como também a oportunidade de construir fanzines voltados para o ensino de geografia.

**Palavras-chave:** Ensino de geografia; fanzine; linguagem gráfica; escola.

REVISTA FLUMINENSE DE GEOGRAFIA	Niterói (RJ)	Vol. 4 n. 1, jan-jun 2024	e-ISSN: 1980-9018
------------------------------------	--------------	---------------------------	-------------------

**Abstract:**

Dialogue with geography teachers is essential if we are to understand how to make the geography we believe in a reality in the classroom, a geography that actually contributes to a democratic project for Brazil. The aim of this article is to report on the workshop The Use of Fanzines in Geography Teaching that took place on June 6 during the X State Meeting of Geography Teachers of Rio de Janeiro - Fala Professor(a) Rio de Janeiro 2023, held at the State University of Rio de Janeiro (UERJ) - Maracanã. The workshop with fanzines in geography teaching stands out as a didactic resource for discussing different themes related to geography at school. In this way, the workshop participants not only had the opportunity to be introduced to the topic, but also to deepen and discuss the use of fanzines at school, as well as the opportunity to build fanzines aimed at teaching geography.

Keywords: Geography teaching; fanzine; graphic language; school.

## Introdução

O artigo tem como objetivo relatar a oficina *O Uso de Fanzines no Ensino de Geografia* que ocorreu no dia 6 de junho durante o 1X Encontro Estadual de Professores(as) de Geografia do Rio de Janeiro - Fala Professor(a) 2023, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) - Maracanã, cujo tema principal do evento foi *Ensino de Geografia na luta por um Projeto Democrático de Brasil*. O evento foi organizado pela Associação de Geógrafos Brasileiros - seção Rio de Janeiro (AGB Rio de Janeiro) e pela seção Niterói (AGB Niterói).

A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), e em especial o Instituto Multidisciplinar (IM) tem se destacado na Baixada Fluminense por manter os cursos de licenciaturas em Geografia, Pedagogia, História, Matemática, Letras, Educação Especial e Turismo.

Esta unidade acadêmica, o IM/UFRRJ, trouxe consigo um perfil de formação docente que possui marcas identitárias e saberes acumulados ao longo de suas vidas profissionais sobre práticas variadas e especialmente de letramento. Eles possuem saberes e concepções relativas às práticas de oralidade, leitura e escrita no processo de ensino-aprendizagem. Durante a formação no IM/UFRRJ esses saberes e concepções são retrabalhados no sentido de uma nova construção de conhecimento e acima de tudo de uma nova visão de mundo.

As práticas pedagógicas no âmbito acadêmico nas Ciências Humanas são marcadas pela inclusão e retrabalho de inúmeras linguagens e o ensino de geografia colabora com o desenvolvimento e articulações de diferentes tipos de linguagens como a escrita e a gráfica. Compreendemos que a formação de professores se caracteriza como um lugar de transmissão e consolidação de múltiplas práticas.

Destacamos que os fanzines também podem ser chamados de zines, que nada mais é do que uma abreviação do primeiro termo.

---

<sup>1</sup> O X Encontro Estadual de Professores(as) de Geografia do Rio de Janeiro - Fala Professor(a) Rio de Janeiro 2023, foi um evento preparatório para X ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE GEOGRAFIA o FALA PROFESSOR(A) que ocorreu de 17 a 22 de julho de 2023 em Fortaleza/CE, evento esse, organizado pelo Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB-DEN).

Quem faz fanzine pode ser chamado de fanzineiro (a) ou simplesmente zineiro (a) e um dos nossos desafios é tornar o(a) professor(a) de geografia um fanzineiro(a).

Optamos dentre a diversidade de temáticas que um fanzine pode ter, o de cunho educacional. Acreditamos que pode ser um grande recurso didático na educação sendo fundamental estar presente na formação de professores. Dessa forma trabalhamos com a construção de fanzines em duas direções: A primeira incluindo nos programas de disciplinas obrigatórias de ensino de geografia ministradas regularmente nos cursos de Licenciaturas em Geografia e Pedagogia no Instituto Multidisciplinar realizado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IM/UFRRJ) Campus Nova Iguaçu. A segunda, como oficinas de construção e o uso de fanzine na educação e no ensino de geografia em eventos de formação de professores, destacando os eventos: XI Semana de Educação: 100 anos de Darcy Ribeiro, realizado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Unirio (2022), XV Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia - UNEB (2022) e X Encontro Estadual de Professores(as) de Geografia do Rio de Janeiro - Fala Professor(a) Rio de Janeiro - UERJ Maracanã (2023). O texto discorre sobre essa última oficina.

### **Contextualizando o que são os fanzines**

De acordo com Barbosa (2007), não existe uma definição oficial para os fanzines, tendo em vista que a maior parte dos debates ocorre em um plano marginal. Ainda em acordo com as reflexões de Barbosa (2007) citando Galvão (2006) diz que os fanzines impressos apresentam algumas características mais gerais: eles são, na maioria dos casos produzidos por amadores, são feitos artesanalmente (no geral, colagens e desenhos), xerocopiados e distribuídos (gratuitamente ou não) entre amigos, parentes ou postos à venda em locais especializados. Sabe-se que os temas e formatos são diversos. Podem ter tamanho de A4, A5, 1/4 de ofício ou duplo ofício e outros.

As temáticas abordadas nos fanzines são infinitas, passando desde o plano político, social, econômico, até temas mais introspectivos como os fanzines pessoais. Magalhães (2004) destaca que existem os fanzines de histórias em quadrinhos, os fanzines voltados à investigação jornalística, os fanzines mistos, os fanzines

nostálgicos, além dos de ficção científica, de música, com temáticas ambientais, os anarquistas e os educativos. Incluímos também um gênero considerado por Santos Neto (2009) como sendo genuinamente brasileiro o fanzine poético-filosófico. Essa diversidade toda, também leva a certa confusão na delimitação do que possa ser ou não um fanzine ou uma revista independente.

Não é possível dizer quando e como os fanzines surgiram, até porque com a vastidão de formatos possíveis, é provável que esses tenham surgido no pós Segunda Guerra Mundial, ou até mesmo a partir do desejo de expressão de alguém em particular ou grupos de indivíduos.

Se considerarmos, porém, que os fanzines o são a partir do momento em que são compreendidos como tal, o nome mais aceito é de Russ Chauvenet, que criou o termo a partir de duas palavras em inglês: *fanatic* (fã) e o termo *zine* (de magazine [revista]), logo, *uma revista produzida por fã*.

Nos debates acerca do tema, o surgimento do fanzine é atribuído a um momento anterior ao de Russ Chauvenet. Barbosa (2007) citando Aragão (2000) nos diz que o primeiro fanzine que se tem notícia foi o *The Comet*, lançado em maio de 1930 por Hugo Gernsback. Caracterizado por muitos como “imprensa alternativa”, ele surgiu no período da grande depressão econômica, nos Estados Unidos.

O fato indiscutível é que os fanzines se popularizaram na década de 1970 com o movimento Punk inglês. De acordo com Barbosa (2007) o sucesso das bandas de Rock (mesmo que num cenário alternativo) e o apoio das gravadoras na divulgação dos materiais fonográficos, bem como nos ideais expressos pelas bandas, propiciou uma rápida popularização dos fanzines.

Os fanzines eram inicialmente impressos com o que havia disponível na época instrumentos de reprodução, como o mimeógrafo e, atualmente, graças à popularização de outros meios de impressão, reproduzidos em offset e máquinas fotocopadoras (Magalhães, 2003), os fanzines mostram-se como uma opção, em muitos casos a única, para artistas, escritores, poetas, músicos, quadrinistas ou simples apreciadores do gênero, que buscam, através da divulgação de suas obras, romper o silêncio a que estariam submetidos não fosse à inquietude que faz desses sujeitos anônimos, à margem do processo

produtivo e dos lugares instituídos (e permitidos) de manifestação artística, verdadeiros representantes, impertinentes dos processos pelos quais o homem (re) significa a si mesmo e o mundo em que está inserido e (inter) age por meio da linguagem, das possibilidades de discurso (Orlandi, 2002), mesmo que na contramão do que é esperado e consentido.

A figura 01 mostra algumas capas produzidas por alunos/as de licenciatura em Geografia do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IM/UFRRJ) – campus Nova Iguaçu sobre os seus bairros. A maioria dos/as estudantes deste campus são moradores dos diversos municípios que compõem essa região.

Figura 01. Capas de fanzines construídos por alunos/as de licenciatura em Geografia do IM/UFRRJ com técnicas simples



Fonte: Acervo dos autores.

Na figura 01, temos diferentes capas que representam diretamente o tema de que trata o fanzine, como é caso das capas

que apontam a história do bairro Aero Clube no município de Nova Iguaçu e o bairro Santa Lúcia no município de Duque de Caxias, mas também nas capas podem aparecer já a contextualização de cenas que iniciam a história como “a ocupação do bairro...” e “tudo começou assim”, não identificando diretamente o bairro que será desvendado ao longo do fanzine. Essas diferentes formas de estruturar o fanzine enriquece muito, já que o fanzine em si é uma publicação sem camisa de força. Os quatro fanzines foram construídos no formato ¼ de ofício.

De certa forma, utilizar e incorporar o fanzine nas práticas educativas é incorporar um gênero textual distinto e também se posicionar contra a ideologia, sobretudo a do mercado editorial e é, conseqüentemente, se colocar à margem desse mercado. Dessa forma, com custos muito reduzidos o fanzine transforma-se num poderoso material didático de divulgação de informações que dificilmente chegaria as grandes redes. Potencializando narrativas ímpares sobre os lugares como os diversos bairros que podem ter suas histórias contadas e recontadas por seus moradores que serão futuros educadores e poderão construir novos fanzines como recursos didáticos com seus alunos.

### **A aplicabilidade do fanzine no cotidiano do ensino-aprendizagem de Geografia**

O fanzine como recurso didático no ensino de geografia vem sendo trabalhado por alguns autores em trabalhos acadêmicos, textos e artigos de divulgação, além de oficinas, por autores interessados em ampliar as metodologias e práticas educativas, incorporando novas linguagens e recursos na geografia escolar. Mas destacamos que os fanzines também propiciam um enorme diálogo interdisciplinar no contexto escolar.

Na geografia destacamos alguns estudos sobre o uso do fanzine no ensino como os trabalhos de Guimarães (2005), Sousa Neto (2008), Santos Neto (2009), Revoredo e Roque (2009), Muniz (2010), Franco (2010, 2014), Santos (2013), Santos Neto e Silva (2013), Santos e Souza (2014), Souza (2015), Santos (2020), entre outros.

Tomamos em nossa prática com fanzines a seguinte definição de fanzine, apresentada por Franco (2010, p.21):

[...] espécie de revista alternativa, um veículo de comunicação amador e não estruturado comercialmente. Os temas são variados e são escolhidos em função da iniciativa de quem o cria, o que oferece uma autonomia. Sua expressão também é diversificada, podendo utilizar-se de imagens, textos, poesias, história em quadrinhos.

Utilizamos as ideias de Franco (2014, 2010) pois em seus trabalhos também trata dos fanzines, enquanto um elemento pedagógico e didático possível de realização que cause interesse pelos estudantes, à apreensão de conteúdos da geografia utilizando diversas linguagens e técnicas. Portanto, o fanzine pode ser considerado um instrumento para a linguagem geográfica no que se refere à percepção espacial do indivíduo, pois: "O uso de diferentes linguagens é importante no contexto de sala de aula em que as práticas pedagógicas tradicionais já não são suficientes para despertar o interesse dos educandos para aprendizagem" (Revoredo e Roque, 2009, p. 3).

De acordo com Santos (2013, p. 4):

O uso do fanzine em sala de aula atribui aspecto lúdico a didática do professor, pois permite a formação de uma nova perspectiva de trabalho docente e conseqüentemente uma nova postura dos alunos com relação às aulas de Geografia. A utilização do fanzine como ferramenta no processo ensino-aprendizagem representa uma motivação e um entusiasmo em contraposto ao desinteresse para com as aulas dessa disciplina.

Conforme Barbosa (2007, p.26), usando uma definição atribuída a Bzuneck (2002, p.9), a "motivação seria aquilo que move o indivíduo, ou que o põe em ação ou o faz mudar de curso". Para Barbosa (2007), a motivação é um tema de relevante importância tanto na psicologia como na pedagogia e em ambas relacionada à aprendizagem humana. Ressaltamos que não pretendemos discutir a problematização da motivação mais a fundo, apenas a exemplificamos a fim de somar uma breve definição sobre a

motivação a fim de justificá-la no contexto dessa atividade aplicada com os alunos universitários na disciplina de ensino de geografia.

Nas palavras de Barbosa (2007, p.28):

Motivação parece ser a preocupação central da maioria dos educadores, professores e pesquisadores quando o assunto é o processo de ensino/aprendizagem. Como afirma o próprio Dörnyei (2001, p.5), até mesmo o mais brilhante dos alunos precisa estar bastante motivado para permanecer em seus objetivos até alcançar os resultados significativos.

A especulação teórica sobre a motivação abordada neste trabalho fundamenta-se na premissa de que o professor precisa ter conhecimento desses mecanismos psicológicos para melhor saber explorá-los a fim de colher o máximo de resultados satisfatórios. Desse modo é que defendemos o uso do fanzine, enquanto instrumento através do qual se pode alcançar esses resultados, onde temos o(a)s aluno(a)s seduzidos por esse recurso didático, ou melhor motivados em utilizá-lo.

### **Os achados nos fanzine construídos no X Fala Professor/a Rio de Janeiro 2023: narrativas e representações**

A praticidade do fanzine, aliado com suas múltiplas técnicas de confecção, permite que os estudantes façam a leitura espacial, por meio do espaço vivido, a partir de sua identidade e liberdade de expressão. Nisso, “as possibilidades do fanzine ser uma via de expressão local e, assim, representar certo grupo, imerso em um tempo e em um espaço [...]” (Franco, 2010, p.21-22) é um desafio, pois cabe ao professor “(...) Compreender as leituras de mundo dos alunos [...]”, assim como, “valorizar e utilizar o conhecimento que todos trazem consigo para construir conhecimento em geografia.” (Franco, op. cit., p. 26). Essa concepção do autor encaixa-se perfeitamente na intenção de nossa prática no ensino de geografia com os universitários o de produzir fanzines que contêm as histórias de lugares (bairros), pouco ou não conhecidos por seus próprios moradores.

Concordamos com Sousa Neto (2008, p.12):

(...) a atividade da aula realiza o professor, como se não fosse apenas o professor que fizesse a aula, mas fosse feito por ela. Pensada nesse sentido a aula é processo e não produto, não é uma coisa com finalidade plenamente determinada, ainda que tenha um fim, não é uma coisa que possa se assemelhar à mercadoria que se troca por algo.

Logo, o autor destaca que o educador é produtor e produto do próprio processo de ensino-aprendizagem; se constrói na experiência das relações que envolvem a educação. Portanto a construção do fanzine emergente desse trabalho em sala de aula efetiva um rico processo educativo.

Para fazer os fanzines dos bairros, vários recursos são possíveis, como mostrou Franco (2010, 2014), mas na devida ocasião, estudantes e o professor utilizaram os seguintes materiais: materiais de escritório (bloco de papel sulfite, caneta, lápis, caderno, cola), uso de materiais impressos (jornais e revistas), assim como do uso de imagens e informações variadas, encontradas na internet, além de computadores para edição de imagem, impressora (para fazer testes) e máquina fotocopadora.

Desse processo de construção do recurso didático, temos fanzines com técnicas muito distintas, apesar do predomínio da colagem, mas também aparecem muitos desenhos, mapas e fotografias.

Durante a oficina cada participante produziu um fanzine, tendo um total de 9 fanzines que utilizaram diferentes técnicas, cuja temática explorava o uso do fanzine no ensino de geografia e o que aprenderam ao longo da oficina. Na figura 02 temos os fanzines construídos na oficina.

Figura 02. Fanzines construídos no X Fala Professor/a Rio de Janeiro 2023

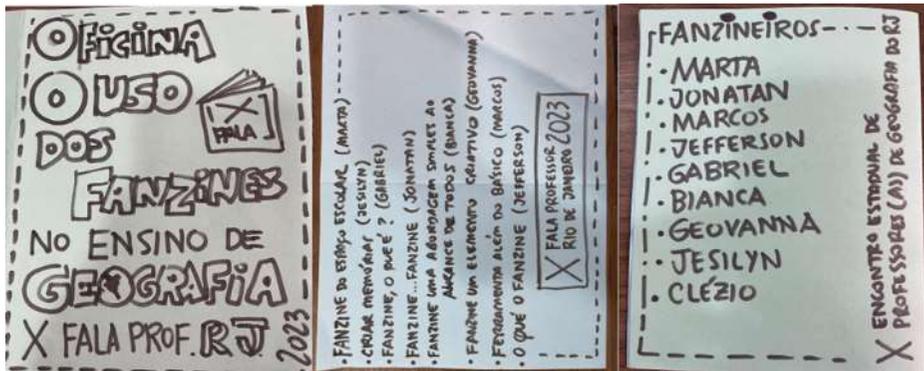


Fonte: Acervo dos autores.

Ao longo da oficina, foi construído um fanzine coletivo organizado pelos ministrantes da oficina, que registrou a produção dos demais fanzines e foi encaminhado via e-mail para osicineiros/as. Neste fanzine reunimos os títulos escolhidos em cada fanzine. Veja a figura 03.

Os títulos dos fanzines após análise podem ser classificados: a) por ações, b) por questionamentos, e c) por caminhos. Os fanzines que classificamos por ações foram: *Criar memórias* e *Ferramenta além do básico*. Já os identificados por questionamentos foram: *Fanzine, o que é?*, *O que é fanzine?* e *Fanzine...fanzine*. Já os classificados por caminhos são: *Fanzine do espaço escolar*, *Fanzine uma abordagem simples ao alcance de todos*, *Fanzine um elemento criativo* e *Ferramenta além do básico*.

Figura 03. Fanzine coletivo construído no X Fala Professor/a Rio de Janeiro 2023



Fonte: Acervo dos autores.

A confecção dos fanzines aconteceu ao longo das aulas de ensino de geografia, cuja proposta já havia sido apresentada anteriormente para que os alunos pudessem reunir informações e materiais. Mas de fato os fanzines se materializam quando o(a) aluno(a)s extraem as informações e recursos imagéticos dos meios e referências disponibilizados, passando-as para o papel, para depois em seguida o efeito da cópia xerocopiada apresentar o acabamento final. Destacamos que muitos dos fanzines produzidos que não são fotocopiados, tornando-se produtos com uma tiragem única, cujo valor sentimental tende a aumentar.

### Considerações Finais

O fanzine como recurso didático para o ensino de geografia mostrou-se eficiente e cumpriu com seu propósito: instigar no/a professor/a (fanzineiro/a) o registro de preocupações e temas da geografia na escola. Essa ação deve ser levada aos alunos/as, além da capacidade criativa, motivando-o(a)s à confecção de uma mídia de fácil acesso e aceitação, pois é fruto da própria vontade do educando de registrar e narrar num pedaço de papel informações de lugares únicos por meio de linguagem exclusivas e olhares ímpares.

Os fanzines podem e muitas vezes denunciam as angústias e reflexões críticas acerca de temas sociais de interesse do/a aluno/a e acima de tudo superação como podemos ver nos relatos selecionados do(a)s oficinairos/as:

a) "Achei curioso e não acreditava que era tão criativo".

b) "o fanzine usa diversas linguagens e enriquece o processo de ensino-aprendizagem em geografia".

c) "Minhas futuras aulas de geografia contarão com esse recurso didático".

Desta forma, entendemos também que o fanzine, além de um recurso didático que permite informar sobre o conhecimento de um lugar, torna-se uma identidade do(a) aluno(a), pois por meio dele é possível denunciar problemas sociais e ser um elemento de superação.

Com o uso dessa mídia alternativa foi possível perceber e refletir mais sobre as possibilidades do uso do fanzine na escola e em especial no ensino de geografia. Veja na figura 4, os/asicineiros/as que realizaram a oficina *O Uso de Fanzines no Ensino de Geografia* que ocorreu no dia 6 de junho durante o X Encontro Estadual de Professores(as) de Geografia do Rio de Janeiro - Fala Professor(a) Rio de Janeiro 2023, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) - Maracanã.

**Figura 04.** Participantes da oficina *O uso dos Fanzines no Ensino de Geografia no X Fala Professor/a Rio de Janeiro 2023*



Fonte: Acervo dos autores.

O uso do fanzine como recurso didático para o ensino de geografia propicia uma dinamicidade de procedimento de ensino-

aprendizagem que pode ser uma etapa inicial, intermediária ou no final de um planejamento educacional. Sendo assim a prática de realização de fanzines no ensino de geografia auxilia indivíduos a terem liberdade de expressar o saber, em espaços alternativos propícios de criação, para que todos tenham o direito de opinar e mostrar as suas características identitárias em relação à percepção que apresenta com a visão de mundo própria.

## Referências

BARBOSA, A. S. **Fanzines na Escola Pública: Motivando Alunos em Aula de Escrita em LE**. Fortaleza, Universidade Estadual do Ceará, 2007.

FRANCO, F. P. **Geografia e ensino: a elaboração de fanzines como possibilidade na construção do conhecimento**. 2014. 271p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Porto Alegre/RS, 2014. 271p. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/108708/000949344.pdf?sequence=1>> Acesso em 19 out. 2023.

\_\_\_\_\_. **Construindo Fanzines: reconhecendo os lugares dos alunos por meio da produção de textos e de imagens**. 2010. Graduação (Bacharel em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica (PUC), Porto Alegre/RS, 2010. 66p. Disponibilizado na Revista de Graduação da PUC/RS, vol. 4, nº1, 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/view/8688/6138>>. Acesso em 19 out. 2023.

GUIMARÃES, E. **Fanzine**. João Pessoa, Marca de Fantasia, 2005.

MAGALHÃES, H. **A nova onda dos fanzines**. João Pessoa, Marca de Fantasia, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Mutação Radical dos Fanzines**. **Anais**. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM). Belo Horizonte, set. 2003. Disponível em: <[http://intercom.locaweb.com.br/papers/congresso2003/nucleos\\_np16.shtml](http://intercom.locaweb.com.br/papers/congresso2003/nucleos_np16.shtml)>. Acesso em: 19 out. 2023.

MUNIZ, C. (Org.). **Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si**. Fortaleza, UFC, 2010.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 4ª. Ed. São Paulo, Pontes, 2002.

REVOREDO, P. e ROQUE, J. P. A geografia e o fanzine contribuindo para a mudança da atual realidade de violência escolar. In GÓES, R. M. F. (Org.) **Educando para sensibilidade: combate à violência e o preconceito na escola**. Presidente Prudente, Departamento de Educação - FCT/UNESP, 2009. Disponível em: <<http://www.unesp.br/prograd/ENNEP/Trabalhos%20em%20pdf%202020Encontro%20de%20Ensino/T17>> .pdf. Acesso em 11/10/2015.

SANTOS, C. e SOUZA, F. S. Os fanzines como recurso didático no ensino médio nas aulas de geografia. **Anais**. III Congresso Internacional de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento. Taubaté, UNITAU, 2014.

SANTOS, C. Os fanzines da baixada fluminense no ensino de geografia como recurso didático: narrativas e grafias dos bairros. **Revista Ciências Humanas**, [S. l.], v. 13, n. 1, 2020. DOI: 10.32813/2179-1120.2020.v13.n1.a587. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/587>. Acesso em: 19 out. 2023.

SANTOS, D. M. dos. **O fanzine como recurso didático pedagógico no ensino de [22] geografia**. 2013. (Apresentação de Trabalho). Disponível em: <<http://professorvirtual.org/site/wp-content/uploads/sites/2/2013/12/Fanzine-como-Recurso-Did%C3%A1tico-Pedag%C3%B3gico-no-Ensino-de-Geografia.pdf>> Acessado em 18/10/2023.

SANTOS NETO, E. O que são histórias em quadrinhos poético-filosóficas? Um olhar brasileiro. In **Visualidades** - Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual da FAV/UFG. Vol.7, n.1, Jan./Jun. 2009 - Goiânia, UFG, 2009, pp.68-95.

SANTOS NETO, E. e SILVA, M. R. P. **Histórias em Quadrinhos e Práticas Educativas**. São Paulo, Criativo Santos Neto, 2013.

SOUSA NETO, M. F. *Aula de Geografia: e algumas crônicas*. Campina Grande, PB: Bagagem, 2008.

SOUZA, F. S. Os fanzines no ensino médio de geografia na Baixada Fluminense: uma prática interdisciplinar. In SANTOS, C. (Org.) **Diálogos e Práticas Disciplinares, Interdisciplinares e Transdisciplinares no Ensino de Geografia na Escola Básica**. Nova Iguaçu, IM/UFRRJ, 2015, pp.93-102.

JORNAL NA ESCOLA: PROPOSTA PARA A  
FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS EM  
ESCOLAS PÚBLICAS

*TÍTULO EM INGLÊS*

*TÍTULO EM UMA SEGUNDA  
LÍNGUA (ESPAÑHOL OU  
FRANCÊS)*

Aparecida Maria Peres Mainenti  
[apamainenti2@gmail.com](mailto:apamainenti2@gmail.com)

Karoline Guimarães Castro Ferreira  
[karolinecastrouerj@yahoo.com.br](mailto:karolinecastrouerj@yahoo.com.br)

**RESUMO:**

Trata-se de protótipo para implementação de jornal digital em colégios públicos localizados no Estado do Rio de Janeiro, por meio da realização de Oficinas baseadas em enquete sobre hábitos de leitura de jornal. O veículo de comunicação na escola permite a exploração e o desenvolvimento de competências de diferentes gêneros textuais e multimodais requeridas pela BNCC. O projeto recebeu aporte teórico de Célestin Freinet, que ressalta a importância do texto livre como expressão crítica do aluno, propiciando seu engajamento em questões sociais. O jornal escolar destaca-se por seu papel formador de leitores e escritores ativos e críticos.

**Palavras-chave:** Jornal Escolar. Gêneros textuais e multimodais. Leitores e Escritores ativos e críticos.

REVISTA FLUMINENSE DE GEOGRAFIA	Niterói (RJ)	Vol. 4, n. 1, jan-jun 2024	e-ISSN: 1980-9018
------------------------------------	--------------	----------------------------	-------------------

**ABSTRACT**

It is a prototype for the implementation of digital newspaper in public schools located in the State of Rio de Janeiro, through the organization of workshops based on survey about newspaper reading habits. The communication vehicle at school allows the exploration and development of competences of different textual and multimodal genres required at BNCC. The project received theoretical support from Célestin Freinet, who emphasizes the importance of free text as a critical expression of the student, providing his/her engagement in social issues. The school newspaper stands out for its role in forming active and critical readers and writers.

**Keywords:** Newspapers. Textual and multimodal genres. Active and critical readers/writers.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu após a coleta de respostas de um questionário sobre a importância da leitura na vida dos alunos, distribuído para as turmas do 2º ano do Ensino Médio, na Modalidade Normal, do Colégio Estadual Júlia Kubitschek, localizado no Centro da cidade do Rio de Janeiro, pela professora regente das turmas Aparecida Mainenti; e para alunos do 1º e 2º segmentos da Educação de Jovens e Adultos - EJA, do Colégio Municipal Irene Barbosa Ornelas, localizado na cidade de São Gonçalo, bairro Jardim Catarina, aplicado pela professora regente Karoline Ferreira.

Este questionário foi criado para que as professoras mestrandas pudessem fazer uma análise inicial com o objetivo de identificar as preferências de leitura do seu alunado e a contribuição que poderia ser dada a fim de ampliar as possibilidades de leitura dos alunos em tempos de pandemia. O documento disponibilizado para os alunos foi elaborado pela ferramenta *Google Formulário* e os alunos a acessaram por meio do aplicativo *WhatsApp*, já que essas foram as ferramentas mais utilizadas no momento de isolamento social vivenciado pela pandemia de COVID-19.

O *WhatsApp* é um aplicativo com múltiplas funções, que favorece grande parte dos alunos, pois é gratuito e funciona em qualquer aparelho que possua sistema *Android*. Os usuários podem enviar mensagens de textos, documentos em PDF, formulários, imagens, vídeos, por meio de conexão com a internet.

A partir do resultado obtido com o questionário, surgiu o desejo de implementar o jornal nessas Escolas em um formato digital como sugerido pela maior parte dos alunos que responderam a essa pergunta. Logo, esse é um protótipo de Jornal a ser construído nas escolas onde as pesquisadoras lecionam.

A leitura do jornal em formato digital ganha espaço hoje pela sua facilidade de leitura prática e otimizada diante do cenário vivido. Além disso, grande parte das notícias são disponibilizadas gratuitamente na rede e isso facilita a leitura diária para quem tem acesso à internet.

O modelo digital tem crescido pelo seu formato multimídia, ou seja, por permitir convergência entre as mídias, além de possuir narrativa não linear, uma vez que pode combinar textos,

diagramas, sons, figuras, animações e imagens em movimento, permitindo a navegação entre os elementos, possibilitando, assim, que o usuário trabalhe ou brinque sem necessariamente pensar sobre a tecnologia que está usando. (PASSARELLI, 2002, p.5).

## REFERENCIAL TEÓRICO

O jornal escolar, como ferramenta pedagógica, foi introduzido nas escolas francesas graças ao inestimável trabalho do pedagogo francês Célestin Freinet (1896-1966), que utilizou o recurso em sua prática de sala de aula com grande sucesso. Freinet aborda o tema em seu livro "Técnicas de Educação - O Jornal Escolar", publicado em 1974, em que discorre sobre sua técnica de elaboração e confecção de um jornal dentro de uma escola. Enfoca, inclusive, as vantagens pedagógicas, psicológicas e sociais desse recurso didático como instrumento de formação de leitores e escritores críticos.

Um dos pilares do Jornal Escolar de Freinet é o texto livre, ou seja, aquele "que é a expressão natural inicial da vida infantil no seu meio ambiente normal", segundo as palavras do autor (1974, p.8), sem interferência disciplinar na escolha do tema ou do gênero textual. Para esclarecer os leitores quanto à natureza do texto livre, Freinet relata sua experiência de sala de aula, em que "a criança conta primeiro e, mais tarde, escreve livremente aquilo que sente necessidade de exprimir, de exteriorizar, de comunicar aos que com ela convivem ou aos seus correspondentes." (1974, p.12). Ressalta que essa expressão livre da criança não é um ato individualizado, pois torna-se socializada pela motivação de escrever para o jornal escolar, por exemplo.

O método freinetiano contempla, além do texto livre, a observação, a experimentação e a expressão, feita sob todas as formas: literária, científica, artística, o que leva a se vislumbrar o conteúdo do jornal que produziam.

Outra característica interessante dessa metodologia é perceber que Freinet idealizou um jornal feito exclusivamente por jovens/crianças para jovens/crianças. Esse raciocínio se ratifica pelo trecho a seguir:

Existem jornais de escola realizados por colaboração de professores e pais - e eventualmente por algumas crianças - para a defesa das reivindicações do domínio do ensino. Também estes jornais não podem ser considerados jornais escolares. Por mais preciosos que sejam, o seu aparecimento e o seu desenvolvimento não poderiam constituir os elementos ativos de uma nova pedagogia." (FREINET, 1974, p.11)

Destaca também o pedagogo francês as inúmeras vantagens de natureza pedagógica, psicológica e social que a elaboração de um jornal escolar pode oferecer à educação. Com relação às vantagens pedagógicas, Freinet (1974) aponta nove possibilidades, das quais ressaltam-se as seguintes:

- a) "o jornal escolar é um inquérito permanente que nos coloca à escuta do mundo e é uma janela ampla, aberta sobre o trabalho e a vida" (p.47), em que afirma que, independentemente da vontade de cada um, esse recurso didático ultrapassa o meio "escolar e mergulha no meio social, fertilizando o ensino;
- b) "o jornal escolar é o arquivo vivo da aula" (p.47), pois reflete, torna eternos momentos memoráveis da vida escolar, materializando o trabalho e o esforço da jornada educativa e cultural da vida escolar; e
- c) "o jornal e as aquisições escolares" (p.53), em que elege o jornal escolar como um instrumento para despertar o interesse, a curiosidade e a sede de conhecer o mundo em que se vive, constituindo-se no melhor exercício de escrita em que se reafirmam os conhecimentos da língua, bem como elemento de observação "do meio ambiente, sob o ponto de vista histórico, geográfico, científico e social" (1974, p.54).

No que diz respeito às vantagens psicológicas, distingue Freinet (1974) duas zonas: a compleição íntima da criança e as possibilidades de melhor penetração e compreensão da psicologia infantil por parte dos educadores. Suas postulações abordam desde a normalização do meio em que a criança vive, passando pela livre expressão do indivíduo e atingindo uma libertação psíquica, que se configura por meio de um

trabalho produtivo, resultado de uma pedagogia de sucesso. Acredita o autor que, por meio do jornal escolar, a criança se sentirá bem-sucedida, triunfante com seu texto e com sua gravura ou desenho, que dão beleza a uma obra coletiva. Exorta, ainda, aos professores que aderirem à técnica no sentido de que:

Realizemos um belo jornal. Organizemo-nos tecnicamente para que ele seja, sem graves riscos, o triunfo que nos honrará. Pouco a pouco na nossa aula e na nossa vida ir-nos-emos habituando a salientar os êxitos que dão esperança e energia. Progressivamente iremos atirando para a tralha dos processos caídos em desuso os exercícios, as sanções, as provas que são apenas uma técnica de fracasso. (FREINET, 1974, p. 61)

Aponta, também, o autor vantagens de natureza social que o jornal escolar pode oferecer, dando destaque para o fato de que essa produção é uma atividade cooperativa e a melhor solução para a ligação com os pais, que julga indispensável. Prossegue afirmando que "o jornal escolar é um trabalho de equipe que faz a preparação prática para a cooperação social das crianças [...] a edição e a difusão do jornal escolar são a melhor das preparações para as responsabilidades sociais". (FREINET, 1974, p.64)

Ressalta o pedagogo que todas as virtudes que descreveu estão intimamente ligadas e são interdependentes, uma vez que as vantagens sociais seriam muito frágeis se não tivessem como base as implicações psicológicas e pedagógicas, como também essas não seriam confiáveis se não envolvessem os aspectos sociais do problema. (FREINET, 1974)

Considera, ainda, ser a mais importante e eficaz dentre as vantagens sociais do jornal escolar para a formação do homem e do cidadão, a premissa de que o jornal não pode ser tabu. Freinet alerta, assim, para o que ele chama de submissão dos indivíduos ao texto impresso, mais precisamente, à imprensa, como postulado pela escola tradicional, configurada na expressão: "Não vinha no jornal se fosse falso!", levando o público a abster-se de fazer críticas ao que está escrito por acreditar ser a verdade, não opiniões. Ensina que, utilizando o texto livre, cria-se o hábito nos alunos de fazer crítica ao texto divulgado pela imprensa e à aceitação e busca dessa crítica, tornando-os capazes de "descobrir o que se esconde de falso e

contraditório nas imponentes rubricas dos jornais". Chama-se a essa prática hoje em dia de Letramento Crítico.

O pedagogo francês, celebrizado por suas técnicas de educação, torna-se clássico uma vez que suas palavras e métodos se mantêm atuais, mesmo após mais de meio século de implementação de sucesso na Educação francesa, com ampla expansão pelo mundo. Para exemplificar esse pensamento, destaca-se o trecho a seguir, que se assemelha a uma profecia sobre os fatos atuais que envolvem a vida política e social de nações deste tempo:

No dia em que os cidadãos saibam que o seu jornal pode mentir, ou pelo menos, apresentar como definitivas soluções que são apenas um aspecto parcial dos problemas impostos pela vida, quando estiverem aptos a discutir com prudência, mas também com ousadia, quando tiverem essa formação de experimentadores e criadores que nos esforçamos por lhes dar, haverá então qualquer coisa de diferente nas nossas democracias. (FREINET, 1974, p. 68)

As semelhanças entre o jornal, cujo protótipo é apresentado neste artigo, e aquele realizado por Freinet não param por aqui. Da mesma forma, não se pretende criar um jornal que seja a imitação de um jornal de adultos, mas, sim, um jornal com características, normas e regras próprias, deliberadas pelos próprios alunos responsáveis por sua confecção.

Daí a importância da análise do questionário realizado com as turmas, em que os alunos se posicionaram quanto à realização do jornal nas suas escolas e seu interesse em participar. Tiveram a oportunidade de indicar as seções que mais os atraíam num jornal e os temas que gostariam de ver nas edições. O alcance e os resultados da pesquisa nos motivaram bastante para os próximos passos em direção à criação de um jornal escolar.

#### DESENVOLVIMENTO

O protótipo de implementação do Jornal na escola foi realizado em três etapas. A primeira foi a elaboração e a aplicação do questionário, pelas mestrandas Karoline Ferreira e Aparecida Mainenti, o qual possui questões mistas, ou seja, algumas de múltipla escolha e outras discursivas, em que o participante teve a oportunidade de desenvolver melhor a sua resposta. As perguntas do questionário encontram-se no Anexo.

Posteriormente, como segunda etapa, foi feita a análise criteriosa das respostas enviadas pelos alunos via *WhatsApp*. O questionário foi oferecido a alunos do 2º ano do Ensino Médio, do Colégio Estadual Júlia Kubitschek, situado no Centro da cidade do Rio de Janeiro, que atua em curso direcionado à Formação de Professores, e a alunos do Colégio Municipal Irene Barbosa Ornelas, situado na cidade de São Gonçalo, bairro Jardim Catarina, pertencentes ao 1º e 2º segmentos do Ensino Fundamental, na Modalidade Educação de Jovens e Adultos - EJA. Ao todo, 69 (sessenta e nove) pessoas participaram dessa pesquisa.

O instrumento compunha-se de 17 perguntas que objetivavam a identificação dos hábitos de leitura de jornal desse público. Todas as perguntas da pesquisa receberam respostas dos alunos consultados, ou seja, todas as questões receberam 69 respostas.

Do questionário em pauta, selecionamos primeiramente as perguntas de caráter objetivo que nos levaram às seguintes conclusões:

1) Identificando o Perfil dos Participantes da Pesquisa:

a) 75,4%, que corresponde a cerca de 52 pessoas que participaram da pesquisa, são alunos do Colégio Estadual Júlia Kubitschek; e 26,6%, que corresponde a cerca de 17 pessoas participantes da pesquisa, são alunos do Colégio Municipal Irene Batista Ornelas.

b) A faixa etária dos participantes se situa a partir dos 15 anos de idade, distribuídos da seguinte forma: 76,8%, aproximadamente 53 pessoas, estão na faixa entre 15 e 17 anos; 11,6%, aproximadamente 8 pessoas, estão entre 18 e 21 anos; 5,8%, aproximadamente 4 pessoas, estão na faixa entre 22 e 30 anos; o mesmo quantitativo de 5,8%, aproximadamente 4 pessoas, são maiores de 30 anos.

2) Quanto aos hábitos de leitura de jornal

a) 79,7%, cerca de 55 pessoas, afirmam não ter o hábito de ler jornal, em contraponto aos restantes 20,3%, cerca de 14 pessoas, que afirmam possuir este hábito.

b) 82,6%, cerca de 57 pessoas, revelaram não ter o hábito de ler jornal impresso; 13%, cerca de 9 pessoas, afirmaram ler o jornal

duas vezes na semana; e os restantes 4,4%, cerca de 3 pessoas, informaram ler jornais impressos de 5 a 7 vezes na semana.

c) 79,7%, cerca de 55 pessoas, preferem o jornal *on-line*; e 20,3%, cerca de 14 pessoas, preferem o jornal impresso. Observa-se neste item um paralelo entre duas perguntas, sobre os hábitos de ler jornal e o tipo de jornal priorizado – impresso ou *on-line*. Ambas receberam a mesma proporção de respostas, deixando antever que a maior pontuação ficou com os que não tinham hábitos de leitura de jornal e a preferência por jornais *on-line*.

3) Com relação aos veículos utilizados para acesso às informações sobre os acontecimentos no país e no mundo: 34,8%, cerca de 24 pessoas, informaram ser a televisão; 18,8%, cerca de 13 pessoas, acessam via *Twitter*; 11,6%, cerca de 8 pessoas, via *Instagram*; 10,1%, cerca de 7 pessoas, por meio de sites; 8,7%, cerca de 6 pessoas, via *Facebook*; e os restantes 16%, cerca de 11 pessoas, informam-se por meio de *Jornal on line*, 4 pessoas; seguido pelo *YouTube*, também 4 pessoas; pelo rádio, 3 pessoas; e finalmente, jornal impresso, 2 pessoas.

4) No que se refere aos hábitos de leitura de jornal durante a pandemia de COVID-19: 49,3%, aproximadamente 34 pessoas, revelaram que não houve mudança no hábito de ler jornal durante a pandemia; 33,3%, cerca de 23 pessoas, afirmaram que sim, mudaram seus hábitos; e 17,4%, cerca de 12 pessoas, declararam que talvez tenha acontecido uma mudança no hábito citado. Em questão seguinte, perguntamos se a frequência de leitura em geral havia aumentado ou diminuído, a que 39,1%, cerca de 27 pessoas, responderam que aumentou; 34,8%, cerca de 24 pessoas; disseram que não houve mudança; e 26,1%, cerca de 18 pessoas, informaram que essa frequência diminuiu.

As eventuais contradições dessas respostas podem ser esclarecidas com outra questão formulada: o que havia mudado no hábito de ler jornal, durante a pandemia. Para os que observaram essa mudança, destacamos que 6 pessoas disseram ter aumentado a frequência e a quantidade de leituras; 7 pessoas mudaram o veículo de leitura, dos quais 4 passaram a utilizar o formato *on line*; e 3 pessoas disseram estar lendo menos por motivações diversas seja pelo

umento de ocupações, seja pelo fato de estarem evitando consumir as notícias do mundo atualmente.

5) Quanto à existência de jornal na escola, 62,3%, cerca de 43 pessoas, responderam que suas escolas não têm jornal; e 37,7%, cerca de 26 pessoas, disseram que sim. Essa proporção evidenciou-se prejudicada, uma vez que o Colégio Júlia Kubitschek, que contou com 75,4% de participantes, não possui jornal escolar; o Colégio Irene Ornelas, que contou com 24,6% de participantes da pesquisa, possui jornal na escola. Portanto, houve uma desinformação por parte dos alunos de ambas as escolas quanto à existência de jornal em suas respectivas unidades.

Ao serem questionados sobre uma possível colaboração no jornal de suas escolas, observou-se um percentual significativo de alunos interessados em participar, revelados nos seguintes percentuais: 59,4%, cerca de 41 pessoas, participariam como leitores; 34,8%, cerca de 24 pessoas, colaborariam diretamente em sua elaboração; e apenas 5,8%, cerca de 4 pessoas, informaram que não participariam.

6) Dos assuntos a serem tratados no Jornal Escolar, que ficou registrado como resposta livre para receber as alternativas espontâneas dos participantes da pesquisa, evidenciam-se as seguintes: projetos e atividades da escola com 19 indicações; seguida por notícias do mundo com 14 indicações; questões relacionadas à Educação em geral com 7 indicações; e questões sociais, com 6 indicações. Além dessas, receberam destaque os temas ligados a esportes e política, que receberam 3 indicações cada um, novidades em geral, concursos, vagas em vestibulares, moda, música, história em quadrinhos (HQ), Ensino de Educação a Distância (EAD), literatura, entrevistas, filmes, animes e entretenimentos em geral, dentre outros.

Outros aspectos da leitura de jornais também foram abordados e, após analisados, podem ser assim resumidos:

a) as lembranças mais antigas de leitura de jornais estão ligadas a fatores afetivos, seja pelas lembranças de hábitos familiares, seja pela leitura de seções que despertam o interesse ou a preferência dos leitores consultados;

b) essas mesmas seções citadas na pergunta acima mencionada voltam em outra oportunidade na pesquisa quando se questiona o que mais atraem esses leitores, quais sejam, notícias locais e da atualidade, sobre a pandemia de COVID-19, política, esportes e entretenimento em geral. Outra seção que atrai em demasia os leitores relaciona-se a palavras cruzadas, caça-palavras, charges, HQs, curiosidades etc. Alguns citaram sua atração pelas manchetes e pelas imagens publicadas;

c) essas preferências se ratificam quando se pede para indicarem a seção do jornal de que mais gostam, recebendo o destaque as matérias sobre política e esportes, bem como aquelas que tratam de notícias em geral e a de entretenimentos, aqui incluídas as publicações de jogos de sete erros, palavras cruzadas etc. Mais uma vez a capa do jornal, a manchete principal, aparece como preferida por alguns leitores;

d) o tipo de leitura mais realizado pelos participantes da pesquisa durante a pandemia tem sido a de livros, impressos e *on-line*, seguida à distância por notícias e textos produzidos nas redes sociais.

Esse é o perfil dos leitores para quem pretende-se oferecer uma oficina pedagógica para a criação de um jornal que represente essas comunidades escolares.

A terceira etapa surge após a análise das respostas e de conversa informal com os alunos sobre a ideia de criar uma oficina com eles para implementação do jornal na escola. Baseadas nas ideias de Freinet, expostas no item anterior deste trabalho, foi estipulado que a montagem deveria partir do princípio de que os alunos devem ser os protagonistas desse tipo de edição jornalística, tanto na confecção do jornal propriamente dito, quanto na escolha dos assuntos a serem publicados.

Assim, foi idealizada a Oficina de Criação do Jornal Escolar, que tem como objetivo principal a elaboração de material jornalístico, por meio da criação coletiva dos alunos das escolas mencionadas. Essa oficina visa à aplicação prática dos conhecimentos adquiridos no processo ensino-aprendizagem e à formação de leitores e escritores críticos. Como objetivos específicos, pretende-se despertar o interesse pela leitura e a escrita; aprofundar temas escolares e de grande repercussão nacional e mundial, de

acordo com o foco de atenção dos alunos; e incentivar a prática da pesquisa.

Seu desenvolvimento será feito em três fases. A primeira delas está centrada na motivação e sondagem do tema criação de um jornal escolar, que consiste em a) provocar o interesse dos alunos pela montagem de um jornal em sua escola; b) mostrar exemplos atuais de jornais impressos e *on-line*; c) revelar a proposta de montagem de um jornal na escola; e d) exibir vídeos motivadores sobre esse tipo de experiência, em que crianças falam sobre suas experiências na participação do jornal, os quais estão disponíveis, por exemplo, nos seguintes sites: <http://www.jornalescolar.org.br/videos/> e <https://www.youtube.com/watch?v=IApDBuuo2-4>,

Em seguida, deve o(a) professor(a) abrir espaço para que os alunos comentem os vídeos, buscando incentivá-los com perguntas como: o que vocês acharam mais interessantes nos vídeos? Por quê? O que pensam sobre utilizar um jornal como veículo de divulgação dos eventos da escola? Gostariam de participar da montagem de um jornal em sua escola?

A segunda fase da Oficina será o momento de demonstrar aos alunos o funcionamento de um jornal, as seções que o compõem, os softwares utilizados para a edição de textos, formatação, diagramação e publicação. O(A) professor(a) deve, preliminarmente, apresentar alguns tipos de jornais, enfatizando suas diferentes características. É oportuno, nesta fase, que se faça a exploração dos diferentes gêneros textuais presentes nos jornais, quais sejam: notícias, reportagens, textos de opinião, argumentativos, publicitários, cartas dos leitores, comunicados importantes da escola, charges, histórias em quadrinhos (HQ), livros, poesia, enquête, troca-troca de livros e muitos outros. Os alunos devem participar espontaneamente dando opiniões, questionando com relação às seções, sugerindo assuntos etc. O(A) professor(a) deve aproveitar para listar no quadro as preferências da turma, estimulando a criação de um perfil preliminar de jornal para a escola. Consideramos interessante fazer, durante a segunda fase, uma mobilização dentro da escola, com o objetivo de conquistar colaboradores e, também, para a escolha do nome do jornal. A campanha de mobilização faz com que os alunos se sintam parte do projeto de criação e montagem

do jornal, se apropriando das engrenagens que movem seu funcionamento.

Uma reunião com todos os alunos é um evento importante para que possa ser passadas todas as informações sobre a implementação do jornal na escola. As decisões serão sempre tomadas pelo coletivo de alunos (colaboradores) por meio de eleição para escolha dos temas da semana. Os colaboradores irão exercer funções diversas na elaboração do Jornal e haverá uma rotatividade entre os alunos com o intuito de acolher um maior número de estudantes.

Há no canal YouTube vídeos mostrando como se faz um jornal, como por exemplo, <https://www.youtube.com/watch?v=HXh5uVpmDSo>. A exibição desses filmes auxilia no entendimento das etapas de edições de um jornal. Sugerimos que se faça essa projeção antes do início da terceira fase.

A terceira e última fase é o momento de dividir as tarefas e proceder a efetiva montagem, edição e publicação do jornal escolar. Como metodologia de trabalho, seria adequado trabalhar separadamente cada gênero textual que compõe um jornal escolar.

Em material disponível no site: ><https://escoladigital.org.br/planos-de-aula/jornal-escolar>>, cujo acesso ocorreu em 22.06.2021, Oliveira Rodrigues Gonçalves(2021) recomenda cumprir uma sequência para a utilização de quaisquer gêneros textuais em jornal escolar, em que propõe o incentivo à reflexão e abordagem dos primeiros conceitos, por meio de tempestade de ideias, levando os alunos a relacionar o gênero em pauta com aqueles que eles conhecem. Como tarefa de casa, os alunos devem pesquisar e trazer um texto do gênero proposto. O(A) professor(a) faz a leitura dos mais interessantes e levanta os comentários dos demais alunos. Assim acontece a primeira redação sobre os temas propostos. Os textos são lidos e discutidos pela turma, visando à sua utilização na composição do jornal. Assim o(a) professor(a) propõe a reescrita e aperfeiçoamento dos textos escolhidos, que poderá, inclusive, ser feito em dupla ou em grupo. O último estágio é o encaminhamento ao coordenador do Jornal Escolar para a publicação.

Sugere, ainda, Gonçalves que os alunos usem as salas de informática de suas escolas para que eles próprios fiquem responsáveis pela diagramação do jornal. Recomenda o autor a utilização do

editor de texto *Word* e a ajuda do professor de informática para essa atividade. Elegeu-se a sequência proposta por Gonçalves, descrita anteriormente, em que o(a) professor(a) solicita aos alunos a confecção dos trabalhos, submetendo-os, posteriormente, ao critério da turma sobre seu aproveitamento na edição do jornal, como adequada e pertinente para aplicação para todo o conteúdo do jornal escolar que se pretende montar.

Com relação à escolha do *software* para a edição e publicação do jornal, observa-se que o avanço tecnológico trouxe para o mercado várias opções para construção e diagramação do jornal *on-line*. Algumas são pagas, outras gratuitas. Como a oficina será realizada em duas escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro, priorizou-se as seguintes ferramentas: *wikijornal*, *paper.li* e *flipsmarck*. Vale ressaltar que esse formato *on-line* de jornal também pode ser elaborado no documento do *Google*, *Canva* ou *Word*. A escolha pela ferramenta ou site será feita de acordo com as possibilidades de recursos tecnológicos das escolas.

A ferramenta sugerida para a primeira edição do jornal foi o site *wikijornal*, pois é uma ferramenta menos complexa, gratuita e que garante o sigilo das informações. Assim, o aluno passa a criar familiaridade com as ferramentas para conseguir desenvolver o trabalho. A única dificuldade do site escolhido é a necessidade de aguardar um *e-mail* de autorização para a criação do jornal. Isso normalmente não ocorre imediatamente como nas outras plataformas. Eles pedem um tempo de retorno que pode variar de 24 a 48h. Algumas vezes o *e-mail* pode cair no *Spam*. No caso em pauta, foi preciso entrar em contato, pois demorou um pouco além do prazo estimado.

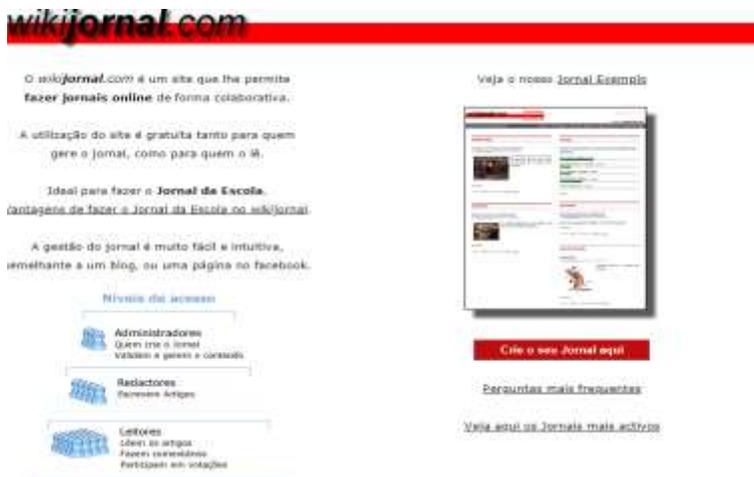


Figura 1

Essa é a primeira página do site. Possui a opção de ver o Jornal exemplo, criar o próprio jornal e ver os jornais já criados no site. Além disso, há uma parte com perguntas frequentes. Nessa área é possível solucionar algumas dúvidas.

Ao clicar na parte vermelha "Crie o seu jornal aqui" passa-se à primeira parte, em que deve ser feito o registro dos administradores do jornal, que poderão ser adicionados ou excluídos ao longo do processo.



Figura 2

Essa parte deve ser preenchida e enviada. Após o envio recebe-se um e-mail de confirmação que varia de 24h a 48h de espera.

Para poder escrever comentários nos jornais disponíveis no site, o leitor precisa fazer um cadastro bem simples e esperar a confirmação no E-mail cadastrado. Isso leva apenas alguns minutos. Após a confirmação pode compartilhar o jornal através do link. Foi escolhido o jornal O Tagarela para ilustrar o modelo possível de ser feito no site. Ele está disponível no link abaixo. <http://www.wikijournal.com/tagarela/>

A imagem mostra a interface de usuário para o registro de membros no site Wikijournal.com. No topo, há o logotipo 'wikijournal.com' e o nome do jornal 'O Tagarela', com o subtítulo 'Jornal da Escola Básica de Senhora de Nôva'. Abaixo, há uma barra de navegação com links para 'Página Inicial', 'Arquivo', 'Estatísticas', 'Login', 'Divulgação', 'Os meus Artigos', 'Dados Pessoais' e 'Administração'. O formulário principal, intitulado 'Registo de Membro', contém os seguintes campos: 'Email:' com o endereço 'karolineaprouceir@yahoo.com.br'; 'Password:' e 'Password (repetição):' com campos vazios; 'Nome (nome e sobrenome):' com o nome 'karoline Ferreira'; 'Tipo:' com o menu suspenso 'Lector do Jornal'; 'Recibe Email:' com o menu suspenso 'Sim'; e 'Sexo/Turma (apenas para alunos):' com um campo vazio. Na base do formulário, há dois botões vermelhos: 'Enviar' e 'Fechar'.

Figura 3 - Cadastro do leitor

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho conta com uma sólida base teórica, apoiada no mestre Célestin Freinet, precursor da técnica de jornal escolar de muito sucesso na França e em outros países. Muito embora a experiência de Freinet tenha ocorrido na primeira metade do século XX, ela se mostra atual, por estar sedimentada em princípios educacionais retirados de uma prática docente vitoriosa, em que o aluno é o protagonista da ação educativa.

Seguindo essa orientação, foi realizada uma enquete para saber o interesse dos alunos pelo empreendimento de um jornal escolar e, com base em suas respostas, o plano de ação, com vistas à criação do jornal, foi elaborado.

Como a ideia surgiu no momento da pandemia do coronavírus, os encontros foram realizados pelo Zoom e pelo Meet. O material de pesquisa foi disponibilizado via WhatsApp e o aluno pode fazer uso

dos recursos tecnológicos que já possui. Grande parte das ferramentas gratuitas funcionam no próprio celular com *Android*. Realizar a construção *on-line* do Jornal em casa facilitou um pouco o processo, pois os recursos tecnológicos das escolas públicas do Rio de Janeiro ainda são muito precários. As decisões foram tomadas no formato de enquete, favorecendo a decisão da maioria.

Vislumbrou-se a possibilidade de criar uma oportunidade para os alunos de se expressar em relação ao mundo que os rodeia, respeitando suas condições e oferecendo chances de coletivamente aperfeiçoar seus conhecimentos e habilidades. Acredita-se que, pelo trabalho coletivo, é possível alcançar na Educação os objetivos de formar não apenas leitores e escritores críticos, objetivo primeiro deste trabalho, mas cidadãos conscientes de seus direitos e participação na sociedade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREINET, Célestin. O jornal escolar. Lisboa: Editora Estampa, 1974.

GONÇALVES, OLIVEIRA RODRIGUES. Jornal Escolar. *Plano de Aula*. Disponível em: [Escola Digital](#). Acesso em 22 de junho de 2021

PASSARELLI, B. *Construindo comunidades virtuais de aprendizagem: TôLigado - o jornal interativo da sua escola*. Revista IP - Informática Pública, v. 4, n. 2, p. 187 - 202. Belo Horizonte, 2002. Disponível em: <http://www.jornalescolar.org.br/securefiles/arq-CUNHA-R-jornal-escolar-do-letramento-a-cidadania.pdf> Acesso em: 26.07.2021

## ANEXO

### QUESTIONÁRIO

#### Hábitos de leitura de jornal

Este questionário, elaborado pelas Mestrandas Aparecida Mainenti e Karoline Ferreira, alunas do Mestrado Profissional de Práticas da Educação Básica do Colégio Pedro II, tem por objetivo identificar hábitos de leitura de jornal por jovens estudantes.

Você levará cerca de 5 minutos para respondê-lo. Obrigada pela participação.



- 1) Qual é a sua escola?
  - a. Colégio Estadual Júlia Kubitschek
  - b. Colégio Municipal Irene Barbosa Ornelas
  - c. Outros
  
- 2) Qual é a sua faixa etária?
  - a. menos de 15 anos
  - b. de 15 a 17 anos
  - c. de 18 a 21 anos
  - d. de 22 a 30 anos
  - e. mais de 30 anos
  
- 3) Qual é a sua lembrança mais antiga de leitura de um jornal?

R:

4) O que mais atraiu sua atenção para esta leitura?

R:

5) Você possui o hábito de ler jornal?

- a. sim
- b. não

6) Quantas vezes na semana você consegue ler jornal impresso?

- a) não leio
- b) 2
- c) 5
- d) leio todos os dias

7) Qual a seção do jornal impresso que você mais gosta?

R:

8) Você é um leitor que prioriza o jornal impresso ou prefere o jornal on-line?

- a) impresso
- b) on-line

9) Como você tem acesso às informações sobre o mundo?

- a. jornal impresso
- b. jornal on line
- c. Facebook
- d. Twitter
- e. Sites
- f. Instagram
- g. YouTube
- h. Televisão
- i. Rádio

10) Seu hábito de leitura de jornal mudou durante a pandemia?

- a. sim
- b. não
- c. talvez

11) Se você respondeu Sim, o que mudou no seu hábito de leitura de jornal?

R:

12) Você acha que aumentou ou diminuiu a frequência de sua leitura em geral?

- a. aumentou
- b. diminuiu
- c. não mudou

13) Qual o tipo de leitura mais frequente que você faz durante a pandemia?

R:

14) Na sua escola, tem jornal?

- a. sim
- b. não

15) Se você respondeu Sim para a pergunta anterior, qual é o tipo do jornal de sua escola?

- a. impresso
- b. on-line

16) Se a sua escola tivesse um jornal, como você participaria da elaboração do jornal de sua escola?

- a. colaborador
- b. leitor
- c. não participaria

17) Qual assunto você gostaria de ler no jornal da sua escola?

R: